

PQ9261
.V17
C3

HENRIQUE DE VILHENA

Campo santo

(De Jerónimo Valverde)

Uma alma

LISBOA — 1929

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA



ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.V17
C3

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
SOUTH CAROLINA



ESTABLISHED 1789
COLUMBIA, S. C.

A

José de Magalhães
 singular lembrança
 de velha e muito
 firme amizade.

Campo santo

(De Jerónimo Valverde)

barbu

XI

925

HENRIQUE DE VILHENA

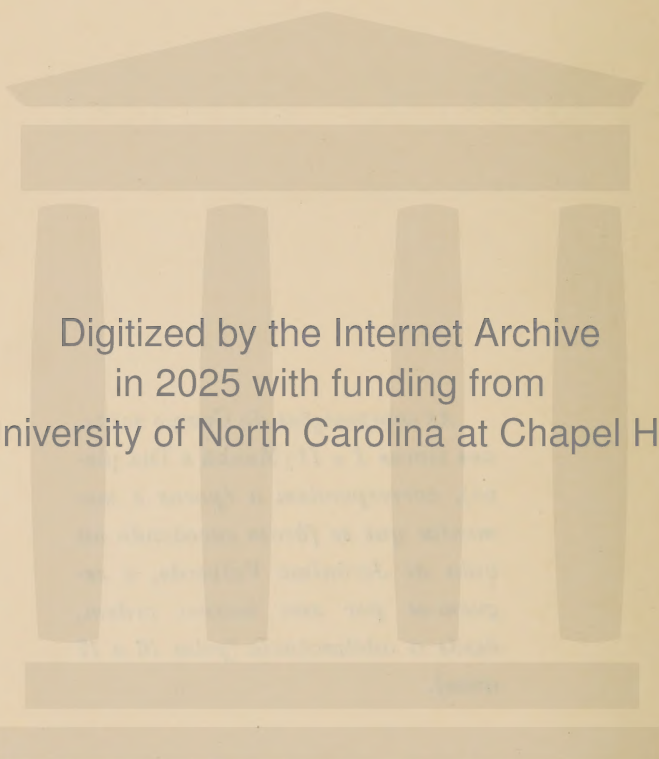
Campo santo

(De Jerónimo Valverde)

Uma alma.

LISBOA — 1929

As composições do Campo santo, nos livros I e II (Manhã e Dia pleno), correspondem a épocas e momentos que se fôram sucedendo na vida de Jerónimo Valverde, e seguem-se por sua mesma ordem, desde a adolescência (pelos 16 a 17 anos).



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

CAMPO SANTO

Confissão da alma sincera, campo santo...

Giestas, boninas, rosas e outras flores.

Campo agreste, de vendavais.

Alegrias, loucos entusiasmos, doces contentamentos...

Melancolia, acerbas horas de profunda tristeza, horas dolentes.

Nobres ambições, sendas luminosas, e a esperança...

Caminhos transviados, cegueiras, ansiedades, a dôr e a desesperança.

Crenças, descrenças, convicções, enganos, ilusões...

Campo de realidades e de sonhos — doces ou amargos.

Saúde e glória de alguns mortos.

Angústia suprema!

A maior inquietação ou, talvez, serenidade in-
finda...

Elevação e ascensão da alma.

... Campo santo!

LIVRO I

Manhã

AMIGO DE INFÂNCIA

Morreu o amigo de infância.

Choraram os meus olhos e, agora, continua chorando a minha alma.

A minha alma está triste e pensa nele.

... Recorda-se do passado que nos pertenceu e das coisas que foram nossas.

Em noite de luar, clara e límpida, estou escrevendo.

Nos palácios do luar vagueia o amigo de infância, despreocupado, lentamente...

Nos palácios do luar, no luar da minha alma, viverá a gentil flor desaparecida!

LUZ!

Na escuridão luz me aparece, tremendo...

Vou para ela e não a atinjo.

O que será?! A amizade, o amor? Que esperança me virá trazer?

Aumenta! Olho, ofuscado, o seu clarão. Não a compreendo, não a conheço!

Abre-se-me horizonte ignorado, novo, misterioso...

O que será, o que será?!

EM BUSCA DE MIM MESMO

Procuro em meu pensamento uma determinação. Vejo só inconsistência, o vago, indecisões, instabilidade.

Justificam-se-me por imagens de diferenças em a natureza e a vida: diversos os firmamentos da terra, as estrêlas de um ceu, as ondas do mar, as queixas do infortunio, os ais do moribundo...

Logo divaga o meu pensamento: — os que morrem resando; os que blasfemam na morte; a doença, as esperanças, os gozos futuros, ambições, desganhos...

Voltando para mim mesmo, entristeço, malsino a sorte e o nascimento.

Por felicidade a natureza chama-me, encanta-me, e um belo poente logo transforma êsses pensamentos melancólicos em rútilas imagens de fantasia.

... A vida por um lado me desvaira, pelo outro me ensina e me conduz.

A M O R

I

Que extraordinário magnetismo teem os teus olhos que me atraí, absorve e toma!

Que mistérios insinuantes me propõem e eu não sei, não posso decifrar!

Tu, toda, envolta em halo de prestígio, que supponho, vejo, formo e que me confunde!

As tuas palavras suscitam em mim, quando as pronuncias, preocupações, inquietações — vagas, abstractas...

O teu silêncio outro mistério, palpitante, insondável.

O corpo gentil te o vejo em destaque — relêvo nimbado, fimbria irizada.

Gesto flagrante; em cada mover dos dedos sinto um contacto.

Não sei como tu, mulher dos olhos verdes, de aspeito delicado, és tão forte que me tens pendente dos teus suspiros!

O amor é doce angústia e também terrível alegria.

Busco em ti, provavelmente, virgem dos olhos verdes, a satisfação de um ideal confuso, obscuro...

Por isso esta existência minha, de névoa, de vapor, que se desfazem, se condensam, se reformam, se liquefazem: — estuo, desespero-me, alegro-me, revolto-me, enraiveço, choro...

E todo o elemento disto, todo o átomo, o espírito, a essência, se te amoldam, se evolvem de ti, se substanciam em ti!

Tu fulcro, centro e origem, o mundo em volta mero ambiente, eu agente, zângão—estonteado.

E neste cogitar, em síntese, me vou consolando.

E' o amor, ao mesmo tempo, doideira e reflexão, ferida e o seu mesmo bálsamo.

II

Sinto o amor, sinto-o por ti, mulher, virgem dos olhos verdes !

Tantas reservas, tantos despeitos e cóleras chegaram a êste sentimento !

As tuas palavras, se menos agradáveis ou gentis, molestam-me profundamente.

Vivo ansioso; quero certificar-me de tua afeição.

Perturba-me o teu olhar onde, sempre, mil mistérios distingo... Impressiona-me o círculo violáceo dos teus olhos.

Misturo a tua ideia e imagem, no meu pensamento, a coisas inúmeras, de pelo mundo; e ora estabelecço conflitos fantásticos, fazendo-te e ao meu amor triunfantes, ora nos sinto ali em harmonia plena, doçura vaga e indefinível.

Outras vezes isolo-me e a ti de tudo, numa resignação, abnegação da alma—que assim nos conduz, suavemente, à morte !

A ESMOLA

Passeando de noite, solitário, eu ia...

E encontrei-te, pobrezinho, pedindo esmola, — rapazito de gesto cativante pedindo esmola...

— Anda cá, meu rapazito! — quem és tu, como te chamas? — tens pai, tens mãe, o que faz tua família?

— Só mãe tenho que trabalha e me pede que a ajude...

— E ela gosta de ti?

— Ela é minha mãe...

— Anda cá, vem comigo.

E juntos fomos, pelas ruas escuras. Levei-o a casa e subimos ao meu quarto. Tirei então, da cómoda, um fato novo que embrulhei e lhe entreguei.

— Olha, meu rapazito, toma ainda pão e êste dinheiro e vai para a tua mãe.

Ele abria para mim grandes olhos — e foi...

Eu via, enternecido, em meu espírito, o quadro: a pobre mãe contente e comovida.

REABILITAÇÃO

O descontentamento de muito do passado me tomou.

A indolência, a concupiscência de menos nobre objecto, a confusão da alma, me foram suscitando, pela sua mesma razão, êsse descontentamento.

A minha alma sentiu o seu mal e nela nasceu também o desejo intenso de se renovar, de se reabilitar...

O teu pensamento, isto é, o meu pensamento de ti e em ti, mulher amada, em muito me inspirou, me deu energia, coragem, persistência...

Oh ! quantas vezes, no afastamento de ti, apesar dêle, os teus olhos vi olhando-me, e quantas vezes me imaginei recebendo o amparo e o prémio de ternas palavras e carícias tuas !

Mas, a mim mesmo, me ia vendo sobretudo.

Então veio o querer tenaz, o esforço, o trabalho, — e o espírito se me esclareceu, o coração se me purificou, o olhar se me fez mais límpido, a tez mais transparente e todo eu primavera...

Venci vencendo-me e tornando-me consciente de minha própria vontade asseguradora.

Hoje, que assim escrevo, quantas vezes procuro, na recordação dêsse tempo ainda tão próximo, a confiança, a segurança da minha alma em si mesma !

DEUS E O HOMEM

I

Preocupa-me, punge-me a ideia de Infinito. Olho a realidade e parece-me sonho, ilusão... Confundo, a seguir, a ilusão e o sonho com a realidade.

Procuro o sentido da vida humana. O que significo eu, o que quer dizer Deus?

A fantasia não se me distingue do pensamento lógico e reflexivo, e aos dois tomo como aptos, de modo igual, para me orientar e me definir.

Neste espírito e convicção relaciono-os com a ideia de Deus, nela procurando integrá-los. Diferença todavia, distanceio, em absoluto, Deus e o homem.

Deus infinito em si mesmo ou cujo pensamento abrange o Infinito, e o homem limitado, mesquinho e tentando alcançar aquela ideia pela de Deus.

II

Medito agora, tão precisamente quanto posso, no que se diz finito. Imagino o finito e o infinito para cada extremo de linha, mas em contacto mútuo.

Porque — digo mentalmente — se o finito e o infinito se não tocassem e se não continuassem um com o outro, admitiríamos a opposição, absurda, entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, os quais estariam, sem contacto recíproco, também em cada extremo de linha.

E isto assim porque o infinitamente grande e o infinitamente pequeno os concebemos partindo do finito.

Mas ainda porque, além de a noção dêles existir para nós verdadeiramente, a de infinito, contudo, é de unidade essencial.

III

Nessa altura, de continuidade entre o finito e o infinito, querendo melhor caracterizar, o meu espírito se desvaria — mais talvez — e suscitam-se-lhe imagens extravagantes ou que bem o parecem :

Deus apoiando-se na cabeça do homem e esbracejando no Indefinível !

A mentira do homem continuando-se com a verdade de Deus !

O mortal apertando as mãos ao Eterno !

O definido começando a não ter definição e o pêso deixando de ter pêso !

E de tudo se me destaca o sentimento da minha pequenez e insignificância, e de uma grandeza que difícil ou confusamente apreendo e que exprimo sumária, quási só nominalmente, pela noção de Deus.

EM DELIRIO

Sinto que estou passando por fase delirante. O que penso não é profundo mas principalmente verbal, com abstrusidades de frase, retumbâncias e gongorismos. Escrevo bastante, porém tudo só dêsse modo consigo construir.

Entretanto a vida estua em mim, o sangue reverve, o espírito quere, a alma tem grandes ansiedades.

Há nela castiça nobreza, o desejo ardoroso de altas acções. Penso, entusiasticamente, na Pátria, nos sacrificios a dedicar-lhe, nos mais levantados heroísmos.

Traduzo-os, contudo, assim como disse, em estilo artificioso, detestável se não fôsse de certa maneira sincero.

Por vezes da pena saem-me linhas interessantes pelo som, a pulsação, o impulso, e, no entanto, ainda sobretudo verbais :

«Vêde um fastasma que vagueie, penando, no mundo, em remissão dos crimes que cá praticara. E chama-se a um fantasma infeliz e sabe-se que êle pode sentir !... E' a alma que tudo sofre, mas, para as penas da alma, é na alma que está contentamento !»

E logo um trecho que se pode dizer de desconcerto :

«Mas em corpo sem espírito, que sofre e não sente que sofre, que pensa e não sente que pensa, e se não sente a si mesmo, deve haver agonia desconhecida, tortura incomportável, suplício estranho, ultra-terrestre, fora de todo o entendimento humano e de toda a sensação infernal !»

E as metáforas absurdas continuam jorrando.

Um instante, agora, em arrebatamento místico, apelo para Deus e chamo a sua bênção ao meu sonho — como o denomino — e a mim mesmo (!)

Felizmente em tudo reflito e faço-lhe a síntese nestas breves linhas.

ILUMINADO !

I

Agora me tomo por iluminado — com a bênção de Deus !

E' o espírito da Pátria que me inspira. A Pátria é a minha própria essência, ambição, o objecto e a razão de vida.

Assim pelo menos, com sinceridade, o afirmo no que escrevo.

Pois se é Deus que quiere ! E, pensando em Deus, creio-o abrindo-me daquelle modo perspectiva sem termo, horizonte de luz claríssima, por vezes deslumbrante.

Mas logo me perco nos meandros do pensamento e aduzo uma algaraviada expressiva : finito, infinito, Deus, indefinito, indefinível, conquistas do espírito humano, sombras, claridades, fulgores...

Saio daí, no entanto, mas conservo-me no sentido de iluminação da alma por Deus, em holocausto à Pátria.

A convicção, a fé, o entusiasmo, a coragem desafiante do mártir religioso estão na minha alma.

II

Agora — meditando na Pátria — a doçura de sentimento, a ternura. Em breve a extensão do pensamento para êste mundo e os mundos, o ceu que olhamos e me convenço abranger, compreender, pretendendo, em seguida, que são da minha Pátria e por Ela.

Não falta o arrebatamento megalómano, de intenção política e social. A Pátria é e será a primeira das nações e vencerá os seus inimigos porque tudo e mais, no Universo, está com Ela.

Entretanto um grito de ameaça e ódio a êsses inimigos, e de admiração pela beleza e grandeza d'Ela.

Reentro na unção mística, assim como se a Pátria fôsse Deus :

«Deita sôbre nós a tua bênção, sagra-nos com a água dos teus rios e sacrifica-nos até à última gota do nosso sangue... Tudo, tudo te devemos pois somos plantas do teu solo... Dêle tirámos a seiva e parte do calor que nos sustenta.»

E clamo, em nome de todos os Portugueses, que de corpo somos fortes e robustos, de coração magnânicos — sendo assim pela Pátria !

III

«Que todos os meus gritos exprimam orações a Deus! Que Ele me atenda pois tenho em mim a alma da Pátria!

«O coração de Deus, de bondade infinita, de grandeza sem medida, há-de acalentar a preocupação sem fim que me consome...

... «Consome-me e, ao mesmo tempo, avigora-me, purifica-me, dá-me ventura — uma espécie de grande ventura infortunosa!»

UM SONHO

I

Via-me percorrendo as povoações, as montanhas, vales, planícies, praias... Levava-me força interior, desconhecida, que me impelia fatalmente.

Em cada pedra ou pedrinha do solo da Pátria via a sua imagem: na que poetava no topo dos montes, na que adormecera nas catedrais antigas, na que se banhava na água dos rios, na que se humilhava no piso dos atalhos...

Sobreveio a noite, bela, estelífera, em que a lua se mostrou radiosa e logo se encobriu—como se fôsse promessa divina.

Achava-me no viso mais alto da elevada montanha de um cabo. De um lado despenhavam-se as gargantas escavadas, os córregos estreitos, os alcantis, as quebradas fragosas, que iam afogar se no mar ou perder-se na praia e nas terras baixas.

Pinheiros ascetas e negros ajuntavam-se em

bandos no plaino sem fim, como se fôsem as almas penadas das florestas de nossos Avós.

As ondas vinham espraiar-se em tumulto, no vasto areal, e desfazer-se, quebrando-se, esmigalhando-se, titanicamente, nos rochedos enormes.

E eis que aparece, levantando-se no horizonte do mar, um «pélago» (esta palavra eu a dizia em meu sonho) de nuvens tão sombrias que em breve a terra e o céu se fizeram de escuridão insondável!

O vento soprou, tempestuoso e gélido. Veio a trovoadá, a procela, os mil fragores, os raios de luz lancinante!

Tudo parecia comungar num grito — de Deus terrífico, — num bramar ou rugir de convulsão dos mundos!

E eu que, antes, alucinado, me tomara, em frente da imensidade, por outro deus, lançava-me por terra onde me agarrava, prendia e cingia, humilhado, feito nada...

Alagou-me a chuva torrencial.

Acordei então e isto escrevi.

II

Procuro em meu pensamento a origem psicológica, o significado dêste sonho.

Deve ser o entusiasmo pelas ideias grandes, grandiosas, o estado de espiritualização, de iluminismo em que me encontro.

E o temor instintivo, a humildosa compensação, o desastre.

No fundo das recordações reparo, um momento, que assemelhei, confundi a água com o sangue — o sangue do povo que se misturava com o meu...

A MULHER

Da pena me saem hipérboles que lhe consagro:— não há beleza nem pureza maiores...—com imagens redundantes e ingénuas.

Ajunta-se, sobrepõe-se o misticismo amoroso ao patriótico, e digo que a mulher que amo e me ama dar-me há coragem em meu sacrifício pela Pátria.

O primeiro beijo no amor divinizo-o e chamo-lhe o beijo da virgindade—no obscuro pensamento, sem dúvida, de o amor unido, na essência, à virgindade da mulher.

E pretendo ser a mulher «grande» enquanto virgem. (Qual a espécie de grandeza?) Provavelmente impressões reminiscentes da Virgem Maria me confundem o espírito e o sugestionam.

Sou um místico cheio de ignorância.

ILUMINANDO MAIS E MAIS

I

Nesta persistente turbacão, continuam a acudir-me ao espírito, meditando na Pátria, imagens de som e de côr — apparentes êstes só talvez... Penso no Povo e assemelho-o ao mar e escrevo naquele mesmo estilo verbal, hiperbólico :

«O povo é como o mar: rasgam-no por todos os lados e êle tudo sofre, manso...; mas ei-lo, furioso, encapelandose e a tempestade que em ondas formidáveis lhe ressumbra do íntimo do peito, é como a voragem do pélago insondável, é como a atracção magnética do caos que assimila tudo ao caos ! E o povo então devora tudo !»

Digo depois, com um certo lirismo, que há no íntimo do povo, como no seio do mar, riquezas fabulosas.

E ainda: — «O mar foi a nossa glória, o povo será a nossa esperança !»

«Como o velho marinheiro, acostumado ao mar desde a puerícia, pressente a tempestade, assim eu, que amo o povo, adivinho a sua glória !»

II

O pensamento se me distrai por esta ideia de glória e pela de morte gloriosa: — «O sol iluminando a estrada do Além, a vida eterna em a memória das gentes!»

Confronto-a com a morte inglória, mesquinha — assim digo, — exemplo, a por doença e num quarto triste, sob luz sombria: — «passagem do nada ao nada, da treva da alma à treva do caixão!»

E veem depois, em atropêlo, outra vez, imagens de contrastes, coloridas, gárrulas, ressoantes, porém sem fundo essencial:

«Vermes e seres magnânimos» — «esterquilineos e caminhos de apoteose» — «escuridade e luz resplandecente»!

III

Volto ao pensamento em Deus. Peço-lhe martírio, glória...

Misturo êste misticismo com o devaneio amoroso:

«Que Deus leve, na hora de nossa morte, — escrevo, generalizando, — às nossas bocas as bocas das mulheres amadas, para lhes passarmos, no último beijo, o sacrificio da alma, que fecundará nossos filhos, que o são também da Pátria!»

Mas torno, mais lidinamente:

«A morte gloriosa é bênção de Deus!»

Ainda, a seguir, a impressão da cainheza da vida humana e o sentimento pessimista da vil criação de Deus, que é o homem. Censuro então a Deus e acuso-o de indiferença pela Humanidade.

Contudo, sem demora, um voto fervoroso de crença em Deus — que olho em esperança, criador e alimentador de todos os anseios, fautor de todas as realizações, e que vejo na Pátria e na Humanidade.

IV

«Quando o coração da Pátria estremece no peito de seus filhos, levantam-se os herois, o olhar fito no resplendor da sua fé. Depois, o sorriso nos lábios, a vida no gume das espadas, irão erguer a Pátria até o pedestal formidando em que possa assombrar o mundo!»

Não há dúvida : o sentimento, o entusiasmo patriótico estão em delírio de grandezas.

Seguem, jorrando por aí fora.

E' a evocação dos antigos herois portugueses, em períodos em que aparecem : — «coluna santa» — «lausperene» — «livros e gládios valorosos» — «as tumbas» — o «fulgor da esperança» !

E' a recordação de Camões e da sua alma :

«Ele assentou-a, maravilhosa, nas páginas do seu livro, que nos dá agora, em cada página, a alma da Pátria e de Deus!»

«Pedestal formidando» — «eternidade» — «assombro» ! — entre hipérboles tais tumultua o meu pensamento !

Clamo absurdamente : — «que a Pátria morra embora, mas que chegue outra vez ao-pé do sol!»

V

Reentro na trivialidade da existência. Escrevo em desalento :

«Mas como tudo isto é triste e talvez uma quimera !

«O mundo é débil, não compreende os meus sonhos de glória.

«Estou prêso em grades de ferro e nem a minha fantasia consegue quebrá-las.

«Se o conseguisse, se a minha grande Ideia reduzisse a estilha os ferros do meu cilício, o mundo dir-me hia louco, doido perigoso...»

A seguir a exaltação :

«O estigma de loucura da minha face poderia dissolvê-lo só a espada inimiga em campo de batalha ! Em valor e glória se transfiguraria !»

E, voltando o Amor ao meu misticismo :

«Que venha êsse dia redentor. Só uma saudade haverá : a da mulher amada !»

Depois, sem pausa, lapso ou intermitência :

«Mulher e Pátria são Deus—Deus transfigurado, a sua imagem, o seu rosto, refratados nos espaços sidéreos...»

VI

«Desapareçam da existência todos que não queiram sacrificar-se, morrer pela Pátria! Os mártires dessa divina religião devem ser todos. Que a Maldição caia sôbre os traidores!»

Oh! e a propósito de traidores, nunca vi mais fantástico derivar de palavras, de metáforas, de incoerências! Como a sinceridade se pode misturar de artifício! Vêde, vós que me ledes:

«Os vermes da terra não podem sugar êsse sangue matricida que ressumará à superfície da História e conspurcará o nome e a memória do traidor. E a consciência dos outros infames julgar-se há em castigo eterno.

«E' fogo que foga do fogo, lama que foga da lama; a traição tem horror à traição, entre a vileza e a vileza está o asco!

«E' que o fogo, a lama e a traição, se não teem alma boa, teem contudo alma. Para êles é doesto ser fogo, lama e traição!»

E ainda mais e mais que já não merecerá transcrever-se.

EU... PROFETA E LEÃO

Profeta de Deus, esperança do meu Povo, oráculo da minha Pátria, — assim me digo.

E em novos momentos de hiperestesia alucinada construo imagens extravagantes em que entram o mar, as multidões de corpos humanos sepultadas em seu seio, a multidão, os vulcões, abcessos linfáticos, sangue petrificado, rugidos escumosos, séculos, evos, convulsões...

... E eu um leão... em frente do mar, outro leão !

DEUS E O MAR

Neste destrambelhamento verbal e confusão mental em que ando, imagino agora, ou em conflito ou reunindo-os, Deus e o mar...

Deus domina-o, a «êsse louco furioso», a «êsse embriagado temível» !

Expressões redundantes, cheias de termos rebuscados, de ardências sinceras, de artificialidades fumosas : — «raiva de amargor» — «imensa abrasão do seio do mar» — «embriaguez de absintite» — «hidrofobia cancerosa» — «monstro sensiente»...

... Que Deus todavia domina !

Mas o que é tudo isto?! A razão de isto tudo?! A ideia de conjunto, a síntese? O que significa êste

desvario mental, estas ideias de grandeza de mistura com profundidades melancólicas e, às vezes, tal ou qual lirismo?

«Deus guarda no mar as suas riquezas, como, no lodo da terra, as suas tristezas. São os dois cofres de Deus... Desconheço-lhe as riquezas, mas conheço-lhe a maior tristeza, a Humanidade. E ela parece-se com o mar — na impotência do seu clamor constante!

«Deus pode transformar o cofre das suas riquezas no abismo das suas tristezas!»

E, súbito:

«Da Humanidade a criação bela é a Poesia, e o Poeta é Camões, Dante e Byron.

«Abarcou a epopeia dos homens, e a dos deoses, e redimiou-se na sua própria. O Poeta — o extraordinário condôr dos Andes da fantasia!»

ILUMINISMO E PESSIMISMO

«Devemos amar os nossos companheiros das galés da vida. Não é tão grande a dedicação dos forçados uns pelos outros?

«E como não haverão de amar-se, identificados nos sofrimentos dos mesmos trabalhos, acorrentados os seus corpos, a ideia mutuamente sujeita...?

«A' noite a sua imaginação, liberta do jugo dos ferros, libra-se nas nuvens, por cima dos oceanos, vai aos continentes, por toda a parte...»

Escuso dizer que, de novo, as frases tornaram a escorrer sem medida, no papel em que tudo escrevi. Mas dou a ideia, a síntese:

«Grimpas de catedrais» — «imensidade do es-

paço» — «declives da Fé» — «vale das amarguras» — «magnetização da mesquinha realidade»...

Por aí levanto, arremesso, despenho e subverto a imaginação dos condenados !

«Deus e a Pátria os salva, — a Pátria, a bíblia dos seus sonhos !

«A Pátria e Deus parecem-se. Deus perdoaria que a Pátria fôsse preferida...»

Mas, através desta confusa emoção, vêde que começa a avultar o sentimento da Humanidade — os nossos companheiros, os nossos irmãos que, perdidos neste mundo ínfimo, amamos naturalmente ou devemos amar, comungando êste amor, em a nossa alma, com o da Pátria e o de Deus.

A vida assim me está aparecendo como religião de devoção tríplice: a Pátria, a Mulher ou o Amor e a Humanidade, trindade mística regida por Deus e que nos eleva acima da Dôr, na qual nascemos.

E ingenuamente, singelamente, declaro ser êste o *sonho do Homem* e pretendo que se agora tenho a luz na alma, em tórno é tudo escuridão.

MELANCOLIA E MEGALOMANIA

«Como será o homem grande — pergunto — se vive reduzido, minusculeiramente, entre duas eternidades?»

E então se me apresentam imagens como estas : os tóraces de dois deoses esmagando entre si, no amplexo mútuo, o corpo de um verme... O choque de duas montanhas de gêlo reduzindo o bocadito de gêlo, incluindo-o, assimilando-o na massa total...

Mas logo surgem as ideias de resgate, de remissão do nome e alma do homem, e palavras de desafio pretendem salvar, reabilitar, tornar vencedora a larva que o destino aniquilaria, e fazer dominante

a acção do pedacinho de gelo que, na grande massa confundido, em toda ela está...

A coragem, a energia, a luta, o combate, digo que terei e usarei; nome imperecível será o meu, inscrito pelas estrêlas em ceu de eternidade, longe dos abismos, por sôbre êles... Aí rolam os fracos, a multidão!

«Tremedais de lama» — «ceus de estrêlas» — «duas eternidades»! — entre imagens semelhantes se desvaria o meu pensamento.

OS SOLDADOS

«Envergando a fardeta e seguindo para a guerra
teem a alma do leão ! O toque de clarim é o grito
de sangue do seu peito e faz brotar o entusiasmo
do coração dos homens !

«Quando êles, nas batalhas, descem em avalan-
che as montanhas, levam consigo o ímpeto do leão
e do tigre na selva, saltando para a prêsa. O seu
grito unísono é o bramido do leão !»

Comove-me o toque de clarim : a emoção incen-
de-se, as lágrimas acodem-me aos olhos e, na evo-
cação de actos de heroísmo guerreiro, o meu pensa-
mento efervesce.

Depois, contudo, mais calmo, reflito sôbre mim e a existência, medito, e nuvem de melancolia me envolve.

Ainda que novo, muito novo, penso do meu passado como um velho: alimentara-se de illusórias esperanças, fôra longo em demasia ou talvez excessivamente curto, e os meus dias tinham ido ficando para trás confundidos numa eternidade desconhecida e indifferente.

E penso, de agora e do futuro, que me consumo, de momento a momento, no tempo de uma igual eternidade.

PESSIMISMO

Na verdade está em mim profunda melancolia e estreito pessimismo, ou largo, talvez...

Do mal, da escuridão, que sinto, vejo, é que parto, reagindo, para essas grandezas mal definidas pelo meu espírito, mal traduzidas pela minha palavra.

Do meu pessimismo alguma coisa, pois, se quere libertar.

Procuro contradições, falsas razões, e de coisas belas no mundo me recordo: a rosa, o coral, a pérola, a floresta, o amor... e o próprio homem que, «não obstante reptil», aos astros levanta a sua ansiedade.

Rio-me do meu contrasenso, aliás aparente, recaíndo na meditação.

Precisamente também, das grandezas que sonho, claridade interior, fulguração, deslumbramento, resulta a visão escura, para fora...

Neste círculo vicioso me encontro, e, assim reflectindo e conturbando-me, espero.

IDEAL REABILITADOR

A vida me aparece implicando a necessidade de ser santificada por um ideal.

E' não boa por sua origem, sua natureza, e exige de nós, para os que no-la deram, o perdão, por afeição.

Mas, visto ser, que se impregne de um ideal reabilitador.

E neste pensamento, que julgo elevado, me perturbo e me afasto, sem dúvida, do sangue carinhoso da ascendência, do leite que suguei e do meu próprio sangue.

Neste pensamento que julgo elevado...

Ah! como os nossos êrros estão cheios tantas vezes de sinceras e bem intencionadas convicções, e como tudo isto é necessário na alma em seu caminho de consciência!

AMOR

Virgem dos olhos verdes! — recordo-te desta maneira, tenho-te assim presente ao coração.

Evoco-te mística e romanticamente, com esta minha sensibilidade em fase antiga e mais moderna — medieval e romântica, — mescla resquiciosa do passado, em conflito com o tempo de agora, o ambiente...

Olhos verdes misteriosos que só por mim se abrem, — pretendo em meu devaneio...

O seu olhar repousa no meu, ou no declive das verdes montanhas ou na superfície ampla do mar!

... E do mar e das montanhas vai tirando o seu mistério...

O AMOR E A ESPERANÇA

Filhos do Sentimento e da Fé, não me abandonam.

E ligo-os, com esta filiação espiritual, apesar dela, ao instinto progenitor.

Mas há no fundo, não obstante mal o perceba de princípio, ressonância ainda mais extensa.

... Que me leva a dizer, espontaneamente, me deixam um filho — a Morte.

O PRIMEIRO BEIJO

A virgem dos olhos verdes recebeu o meu beijo
na sua boca. A alvorada beija a sensitiva, a flor
dos campos e dos jardins abre-lhe as suas pétalas.

As nuvens beijam a lua que logo se encobre.

A açucena empalidece com a luz e a rosa rubo-
riza-se.

Beijam-se, ao longe, o mar e a aurora, a terra e
a aurora; o mar ou a terra e o sol poente.

A borboleta beija a flor, que estremece ao seu
afago.

Abre-se o botão de rosa começando a evolvar-se
uma alma de perfume, de aroma...

Do teu sorrir, do teu beijo, promanou essência espiritual, divina...

O sonho é feito de esperanças, o dia de enganos, o sol de estrêlas, o fumo de ilusões, o amor de beijos e de tudo isso.

O primeiro beijo é o que não foi meditado, a prova de amor, a garantia, a sua esperança.

Nele principiam — evagação mística! — todas as promessas de Deus!

MORTE

Poeta, pensa muito na Morte, toma sempre êsse veneno. Embriaga-te, adormenta-te, sêde o Mitridates da Morte.

Enche-te dêsse pensamento, para muito viveres. Se o não fizeres, a Morte se aproximará: ela nasce da Vida como o chôro da alegria e o riso do desespero.

A NOITE

Amo a noite e dou-lhe — sem dúvida para lisongear o meu sentimento — foros da máxima importância na vida do homem.

Aconselha os fracos, — digo eu, — inspira o filósofo e o poeta, e é o exílio do pessimista.

A noite, ainda, atrai e trai o homem de mal...

O Poeta ama a natureza à luz do luar porque lhe aparece em maior mistério, idealizada.

A noite — de fadas misteriosas...

AMBIÇÕES

A minha alma está tomada de vagas ambições. Ser alguma coisa de grande é o que deseja.

A minha alma olha muito para dentro de si mesma, preocupa-se extremamente consigo própria. As ilusões e desilusões, os pensamentos, as esperanças, os anseios, formam cortejo mental, confuso, fantasmático.

Penso na morte e digo não a temer, achando possível ou natural que esteja próxima. Todos, pelo contrário, — insinua em minha divagação, — se inclinam a vê-la sombra afastada e esbatida que só na velhice aliás se alcança ou caminha ao nosso encontro.

Penso também na doença, procurando sempre, certamente de instinto, as razões ou a origem do meu estado de espírito.

Em regra não temos propensão a convencermos-nos de que morremos, no decurso de doença, mesmo perigosa. Durante ela mais nos prendemos à existência e renovamos esperanças e nos prometemos gozos futuros, às vezes tão fantasiosos que mais tarde se vêem impossíveis, à minguia de poder.

Assim somos: enquanto podemos, ou não queremos ou queremos pouco, parece; sobrevém a impotência, e então queremos muito, desejamos tudo, vivemos na fantasia; mas o que fantasiámos e ambicionámos, quando o pretendemos realizar, trás consigo, muitas vezes, o desgosto, o desespero, a desgraça, a morte...

RELIGIÃO E DEUS

Penso, hereticamente, em Deus e na religião que me ensinaram.

Aí chego porque vejo o espectáculo, ilógico e accidental — pelo menos na aparência, — das dores e dos prazeres.

Foi Deus que nos concedeu, a uns a alegria, a outros a dôr..., e isto já é talvez extranho. Mas, sendo assim, deu-nos também o suicídio, as más acções, o crime, com os quais temos a pretensão de nos libertarmos da dôr e de atentar contra a alegria, os prazeres, a felicidade que supomos...

Porque vem pois a religião determinar castigos para êsses actos de lógica?

E fala-se de immortalidade da alma, condição derradeira do prémio ou do castigo de nossos actos nesta passagem terrena — actos fixados por Deus! Não se comprehende.

Admitamos porém que são independentes de Deus. Então Ele é criação nossa, e a religião também ficção em que nos debatemos, falsamente nos consolamos, illusòriamente nos punimos.

CONSCIÊNCIA

Preocupa-me a consciência. O que penso de mau, de vil, de criminoso, torna-me ou faz-me vil, mau e criminoso? Só por pensar? E quem pode dominar ou impedir a fantasia do seu pensamento?

Pensando em actos de malefício que se poderiam cometer, ser-se há maleficioso e ficar-se há maculado na consciência?

Reflico em que entre o pensamento de mal e o acto de sua realização está a inteligência, a vontade, o sentimento — consentindo-o eu, pelo contrário, impedindo-o.

Neste último caso, não se trata pois da consciência — consciência moral, — de sua acção e esforço?

Tenho-os também, e se os fizer um hábito e lhes juntar a educação do espírito, transformarei esta minha tendência em imaginar o mal em origem de ideias de bem.

E de tudo ressalta — assim o estou vendo — o que já é verdadeiramente bem: a preocupação da consciência, a sua criação e depuração.

A AMIZADE

Estimo e venero a amizade, considerando facilmente :

Se tenho a amizade de um ser nobre é porque o sou ou me inclino a sê-lo, naturalmente, e eu podia ainda ter esta inclinação e não ter a sua amizade— porque êle me desconhecesse ou a não reconhecesse, por exemplo.

Assim a amizade, elevada aliás quando de um espírito ou entre espíritos de elevação, o que se compreende, e talvez só então merecendo o seu nome, é duplamente valiosa: vale por si própria e porque representa ventura não a todos dada.

Mas há um amigo que, embora muitíssimas vezes se mostre difícil, é o que primeiro devemos procurar: a consciência — a tranqüillidade de consciência.

PENSAMENTO E REALIDADE

I

Tenho, de tempo a tempo, uma espécie de exaltação nervosa, por dias inteiros, que me chega a causar tortura.

Pensamentos desencontrados me tomam; confundendo a realidade e o sonho e, não obstante pensar, acreditando pois existir, logo creio negativamente ou a minha existência me parece sonho, ilusão...

Fôrça—impulsão mental—me arrebatada da razão e do dever, antepondo-me hipóteses fantasiosas, bastantes obscuras, mas que julgo corresponderem à realidade, à lógica essencial das coisas. Mas achando primeiro, no íntimo, fundamento para estas hipóteses, em seguida a própria razão se revolta contra elas.

Apalpo-me e não creio nas minhas mãos e no meu corpo; o meu espírito não crê no meu espírito, e o corpo não se me coaduna com o espírito.

Os outros que vejo, não vejo, porque não creio nem nos meus olhos nem neles. Não creio também na acção passada, quer antiga ou remota, quer de há menos tempo; e na presente ou de agora. No entanto, decerto por mais outro ilogismo, pôsto não defina o futuro, creio nele emquanto assim se diga, emquanto futuro.

A *morte*, porque é do futuro, creio nela, mas defino-a — a *máxima alteração da não existência*.

II

Perco-me e desvario-me nestes pensamentos. Digo ingenuamente: a fantasia é muito ardente, a realidade muito fria.

Confundo os sonhos, no sono, com a ficção, a imaginação, os sonhos enquanto se está acordado. Chamo a êstes, já desprendido da não-existência, sonho-realidade...; e digo, a seguir: como é triste a queda do sonho-realidade para a realidade!

Não vou mais longe. Como tantas vezes me succede, quando o pensamento se me desconcerta, as palavras saem-me sem sentido essencial, verdadeiro...

A sua incongruência, felizmente, salva-me.

O DEVER

Revoltado contra o dever ou os chamados nossos deveres.

Pretendo que todo dever é tirania imposta pela sociedade, a colectividade social, e que, sendo eu de consciência livre (assim me julgo), não lhe devo obedecer.

Deduzo que a consciência do dever é o reflexo daquela imposição na nossa consciência.

Pretendo ainda — sempre revoltando-me — que a sociedade invoca Deus, cria a religião e afeiçoa a razão, servindo-se dêles para nos apresentar o dever.

Sem dúvida a ideia dos preconceitos e da hipocrisia social em muito está obrigando o meu pensamento.

Libertemos de tudo isso a nossa consciência e vamos agora, com ela, por si mesma lâmpada luminosa, ver tudo isso, e sigamos então o caminho que limpidamente nos mostre.

EGOISTA?

Tenho egoísmo? Não! Ainda novo, já nisso penso todavia, parece-me conhecer o egoísmo e repilo-o. Não o quero nos meus actos. Que êles se impregnem de um nobre altruísmo.

Pátria, Amor, Humanidade, o que já consegui ver, que se aliem no meu espírito e nele inspirem só o princípio, o impulso, a emoção de acções elevadas; — em que o sacrifício me pertença e eu dê,, dê sobretudo e não aproveite, ou só aproveite o que em seguida me permita dar, em muito e muito, sempre cada vez mais e mais!

PREOCUPAÇÕES⁷

Preocupa-me a formação das sociedades, a origem dos agrupamentos humanos. Vou assim lançando os meus olhos para todos os lados.

Apresento hipóteses, dou explicações, divago... Caio depois em imagens um tanto concretas e penso na Pátria com intenso entusiasmo.

Mas o meu espírito não tem suportes, amparos, equilíbrio, que resultam do conhecimento, da experiência. E, por isso, reflexões ou juízos que seriam injustos se não proviessem ou de sincera ingenuidade ou de ignorância.

Amesquinho, por exemplo, a Família, o seu conceito, a sua ideia, comparando-os com os de Pátria.

Pois não vejo logo, pelo menos, que a Pátria é uma grande família e a organização da família simultaneamente construtiva da Pátria?

Devem resultar ôste e outros desatinos, talvez, da falta de um gesto orientador, extrínseco, oportuno, ou de alguma tendência intrínseca a isentarme dêle. Quanto deveremos poupar em desvios, descaminhos, ansiosas procuras de nós próprios, tendo, procurando, obtendo êsse gesto ou sujeitando-nos a êle!

Gosto de pensar em todas estas coisas, mas forma-se-me, avigora-se-me o sentimento, contudo, de que os desvarios — da mocidade, assim se dirá — não são abomináveis à minha alma e são antes caminho necessário...

SOUSA MARTINS

Comprei o seu retrato. Defronte de mim tenho a sua bela cabeça e admiro-a. Converso com ela, é uma espécie de confidente.

Uma bela cabeça de artista, de sábio, de pensador, e um lindo rosto de mulher, são expressões admiráveis da natureza artística. De um lado a inteligência, o sentimento, do outro a graça, o encanto.

E isto são singelas palavras, mas representam um mundo de impressões em que nos perdemos quando aí desejamos separar ordens e espécies, classificar, definir, categorizar... Todos porém as sentem e compreendem sem outra explicação.

Na cabeça de Sousa Martins há inteligência e sentimento impregnados de bondade.

CÔRES

As diversas côres impressionam-me diferentemente. Distingo-lhes—conforme essas impressões—diverso poder e qualidade de nos fazerem sentir.

Mas tudo sobrevém, particularmente, pela aliança das côres ao corpo e ao vestuário da mulher.

Divaga o meu espírito pensando na jovem de cabelos de ouro velho, vestida ora desta ora daquela cor... Prefiro o seu rosto emergindo das côres sombrias, mas ainda se lhe adaptam, maravilhosamente, e às mãos, o vermelho, o rosa e o azul garbados.

Como a emoção sexual, o amor, nos vai revelando os aspectos naturais! Como estão no fundo de tantas e tantas coisas e se não percebe em regra esta semente oculta, germinadora!

E os olhos—das mulheres... Pretos, azuis, castanhos, verdes, e suas cambiantes, e suas expressões e variações de cada expressão. Estabeleço-lhes, a uns e a outras, categorias, que refiro ou a Amélia de olhos pretos, ou à jovem dos cabelos de ciro velho, ou à virgem dos olhos verdes, ou a Ifigénia, ou a Crisandra.

Os azuis pensativos são os que mais me fazem meditar — digo, meditando. E ainda: há olhos verdes na claridade do dia, azulados ao crepúsculo, de um castanho dourado de mel em certas posições do rosto em relação à luz, e que — se doces — são os mais belos, pois resumem as qualidades de muitos.

E sigo neste devaneio, nesta poesia, fluente-mente, dispersamente, estudando na verdade e perscrutando a essência, o fundamento, o espírito do amor, da minha emoção sexual, da minha atracção pela mulher... E também o fundamento, o espírito, a essência das demais coisas.

A MULHER

Tenho, a respeito da Mulher, imagens ingénuas mas curiosas e de sentido elevado, — por exemplo:

O coração da mulher é como a arca de Noé: tem tudo o que é necessário para que no caos, o homem, se forme um mundo novo.

PREOCUPAÇÃO DO AMOR

Como nasce e acaba o amor? — pergunto a mim mesmo. E logo escrevo:

A mulher, no seu primeiro amor, é impelida pelo desconhecido, pelo misterioso, cuja necessidade sente. Com motivo nessa necessidade acabam todos os amores do homem, porque ela é o seu estado permanente.

Ao lado dêste pensamento, indeciso e restrito, alguém mais experiente comenta:

Mas êsse *desconhecido* não é o mesmo no homem e na mulher. No homem refere-se ao *indivíduo*, na mulher à *espécie*.

E eu divago e tenho esta frase, obscura: o Amor consagra o Belo relativo.

FASE DO ESPIRITO

Sonhar, viver, amar, dormir, pensar; mistérios da alma, esperança do amor, visão alanceadora, fantasmas empedernidos; predestinação da vida, lágrimas de fogo da consciência, vidência do coração, acântico arbusto de agonia...; tudo isto e muito mais entra em farândula fumosa e gongórica naquilo que penso, escrevo e vou arrecadando.

A minha imaginação não tem peias, mas também não tem vô e equilíbrio; sacia-se, refaz-se de si mesma; tira as suas próprias penas e, dolorosa, gotejando sangue, mas simulando alacridade, contorce-se, contorsiona-se...

E a essência de isto deve ser, com o impulso juvenil intenso, a procura ansiosa de orientação e a falta de fundamentos, de amparos...

Mas a minha alma, ela mesma espectadora, corrige-se comentando-se a si própria, reflectindo em si e vigiando-se.

Com tudo isto e apesar de tudo, ela se vai preparando para o futuro e sabe bem que o faz.

PREOCUPAÇÃO SOCIAL

São numerosas as notas que tomo a respeito da vida dos homens em sociedade e, depois, sobre a política, especialmente a nossa, nacional.

Muita ingenuidade, algumas finas percepções, pretendida ironia...

Isto basta para indicar e registrar uma feição do meu estado de espírito.

A VERDADE NO AMOR

Escrevo:

«No amor tudo vai passando, fenecendo, acabando, alterando-se, consumindo-se. O passado, no amor, é pois ilusão. No amor só o futuro é verdadeiro.»

Ressonância, no amor, do meu sentimento de saudade, da minha pena e inquietação pelo termo das coisas, e do anseio e receio instintivo do futuro, que assim, também de instinto, quero preparar, fixar.

PREOCUPAÇÃO HUMANA

I

O homem será o rei da criação? — pergunto a mim mesmo. Sim, por um lado, digo, pois evidentemente é o mais inteligente de todos os seres que conhecemos.

Mas é também o mais feroz! Sendo assim, pode merecer contudo chamar-se rei pela inteligência?

Parto, de isto, para a acção tirânica, o despotismo, a opressão dos povos e, depois, a sua libertação. Não são irradiados os opressores, merecidamente, de seu império?

Volto à ideia inicial e reflito:

Não, ele não é o rei da criação, porque acho razoável supor haver um número infinito de seres, que

não conhecemos ou não percebemos, escalonados, em energia e poder intellectivos, entre o homem e Deus.

Comparo, no intento de provar a mim mesmo, ocasionalmente, a existência dêsses seres, dessas entidades, a vida que será a do homem em relação aêles, com a da formiga, por exemplo, em relação ao homem.

Pois não poderá confrontar-se a morte da formiga, esmagada pelo homem, com a morte dêste, na qual podem intervir factores de existências superiores, não apreendidos por êle, assim como a formiga não pode apreender as causas superiores da sua morte?

Tanto um como o outro não conhecem — é natural — o que está para além dos limites alcançados pelas suas faculdades.

II

Deus torna-se-me necessário na concepção de tudo que sinto, abranjo e compreendo. Deus, para mim, é isto mesmo, e ainda o que não compreendo. Como poderia concebê-lo em sua Onnipotência e Onnipresença criando só os seres que conheço ou me seja possível conhecer, e não admitindo a criação sem limites?

Perco-me na noção de Infinito, material, espiritual e de tempo (se é possível discriminar), que me traduz a ideia de Deus e me a representa.

Sinto-me parte nele, de modo simultâneo imperceptivelmente (na língua não tem qualificativo êste diminuto, êste ínfimo, que me vejo) e totalmente consubstanciado, isto é, absorvido, integrado e disperso nele, infinitamente. E assim até me sinto, na essência, por mim só, capaz de o definir e caracterizar.

PESSIMISMO

Vou passear num dos jardins da capital. Ando lentamente e preocupado. Arrasto sombria tristeza.

Quando me levanto do leito é já cansado e pesado.

Subo a uma colina; observo parte da cidade, estendendo-se pcr encosta larga e elevada. Ao cimo alguns palacetes.

Olho as janelas, as arcadas, terraços e cúpulas dessas casas, e tudo sinto com grande impressão de desânimo, de desalento, de melancolia; tudo me parece frio ou inútil, senão agro ou detestável, e assim malfere a minha sensibilidade. Grave e ainda mais tristonho afasto-me dali.

Oiço as vozes das tutinegras, pintassilgos e ten-

tilhões nas árvores do parque. Não lhes acho encanto, não comungam com a minha alma, de onde fugiu o lirismo da infância, a sua alegria natural.

As pedras que piso, a areia dos arruamentos, insultam-me com a sua aspereza ou o seu brilho, nas clareiras, ao sol. Hostilidade do seixo, luz cruenta, irritante, sem discreção, dêsse solo em que, de passagem, caminho.

Saio do jardim. Num carro público, ao qual subo, as fisionomias sinto-as profundamente, ou como sem nenhum interesse, ou como desagradáveis. Nos traços não lhes vejo beleza, mas sim o defeito, a incorrecção, a mancha e, por debaixo, a hipocrisia, a vergonha, a mesquinhez de inteligência, o desvio tortuoso de conduta, a monstruosidade moral...

Mas tudo isto me fere como se, também, de tudo eu fôra culpado.

Em um momento o carro pára. Desgraça na rua. Mulher, desvairada, leva uma criança nos braços, em sangue, atropelada nesse instante por outro carro.

Tenho um movimento espontâneo para acudir, precipitar-me, — alanceado, em intensa comoção. A mulher porém já vai mais longe, seguida, rodeada de gente.

Olho em volta e notando as expressões, insípidas de uns, grosseiras de outros — assim me pareceram ainda mais — e as suas palavras de trivialidade, o pensamento se me torna soturno e a cabeça se me inclina, se me descai...

Quero ocultar a emoção e saio do carro e entro numa escada. Encosto-me à parede e aí estou, momentos, bastantes, não sei o tempo, curvado, a cabeça pendida, o olhar escuro e frio, e o pensamento de fuga de tudo e de todos...

Aí fiquei assim, momentos, bastantes, não sei o tempo...

MELANCOLIA ROMÂNTICA

Tens o rosto delicado, alta a fronte, os olhos suaves. Os teus loiros cabelos formam, apartando-se, rêgo branco e direito na cabeça.

Assim te contemplo e a minha alma enche-se, melancolicamente, de teu espírito.

E penso que, se te sentasse nos meus joelhos e me chorasse na tua cabeça, êsse rêgozinho tornar-se hia o rio das Amarguras...

PLATÃO

Tu me falaste, Platão, da vida moral, da vida de consciência, dando-lhe forma, corpo, que eu apenas por instinto sentia e via, mas mal, e não pudera conceber assim organizados, como tu me mostraste.

De Cristo me lembrei que em ti ou em Sócrates se podia ter inspirado, — e à parte o que vos acrescentou, assim o proselitismo da sua raça, o profetismo, o heroísmo que nasce da muito alta convicção religiosa, a fé no Ente Supremo, a esperança na Providência...

Leio-te e discuto, como tu, isto é, pretendendo imitar-te, ou a Sócrates, com algum amigo que me aparece, aqui, neste lugar cercado de pinhais...

E eles muito se admiram e surpresos ficam dos meus raciocínios e sobretudo da maneira e intenção

que os domina. Nos olhos de um, no outro dia, vi até — quando eu assim pesquisava na sua consciência — passar a dúvida, verdadeira e grave, sobre o meu estado mental !

Há impressões que jãmais se esvaem, se apagam. Sócrates, Platão, a *Apologia*, o *Banquete*, fixam-se, gravam-se na alma.

Aí deixam o seu sinal que é também estímulo, guia, amparo.

A alma platónica modela à sua imagem e semelhança, no idealismo, no sentido de reflexão, de investigação da consciência, de razão, de aspiração de vida intelectual e moral...

O impulso está dado e há-de produzir, germinar, como o de poejo de pólen levado para o cálice de outra flor, ou o da semente atirada à terra.

Isto escrevo ouvindo, colhendo, juntando em harmonia de síntese, as particulas dispersas dos chilreios e cantos de pequeninas aves, neste ambiente luminoso e brando em que as folhas, no arvoredado, sussurram também docemente.

A alma inspirada por Platão tem tendência a formar para si ambiente moral da mesma claridade e de murmúrios semelhantemente harmónicos...

Mas a vida, contudo, faz-nos ouvir um barulho,

um estrondear de sons indistintos, e a alma fica expectante, inquieta...

A energia contra a adversidade, a formação de nós, da nossa alma e a sua imposição no meio pratico e vital, a criação dêste, tudo isso, sentimo-lo com emoção, impõe-se igualmente e exige, exigirá muito de nós. Aqui Platão não dá o bastante, não nos segue, não podemos apoiar-nos nele.

No fundo da minha alma há também esta pena e, com a ideal imagem platónica, o turvo ou confuso preparo para a vida como ela se nos vai apresentando; e o sentimento da indiferença ou desdém dos outros pela nossa vida moral ou pela sua intenção; e a convicção da luta e dos triunfos e desastres futuros... Oh! também a preocupação dos desastres e agonias!

POBRE IRMÃZINHA

Que se refugiem o iluminismo e o pessimismo na floresta dos sonhos passados, já longe do coração!

Divagando nos campos, na solidude, na liberdade, na despreocupação daqueles pensamentos, lendo, vendo, aprendendo, observando mais e mais...; fui tornando mais natural a minha alma, fui libertando-a do sentido verbal, do gesto artificioso não obstante sincero no fundo...

A jovem irmãzinha, doce e casta menina, desfere dêste mundo, aos poucos, aos poucos... A sua alma irá poisar no Ceu e na floresta dos sonhos futuros.

E a alma, esta minha alma, despreocupa-se mais das coisas presentes, pensa no Além e no porvir, — chorando todavia a perda que será irreparável.

Vamos consolar os últimos dias da pobre menina, os seus dias derradeiros !

Flores do campo, do mato — puras como ela, — ao seu regaço !

Da terra são, para onde obscuro instinto lhe diz que vai em breve.

Oh ! obscuro instinto ! Quem sabe o que tu pensas conscientemente, gentil e suave espírito, e não no-lo confessas !

Quem o sabe, quem o sabe ? !

Quem conhece o teu verdadeiro aroma, quem o tem aspirado ? !

A alma é tão subtil, nós todos tão grosseiros !

Tu hoje és uma alma, sòmente alma ! O teu perfume escapa-se-nos.

Oh ! êle vai, vai — para Deus !

ESTOICISMO

I

Quando Marco Aurélio me aconselha me mostre facilmente exorável, disposto sempre a perdoar, desde que os que me tenham ofendido (por suas palavras ou conduta), queiram voltar a mim, — reflito:

Perdoar sim, mas não esquecer, para que me fique a lembrança ou a consciência do perdão, pois senão pode ser ou tornar-se desprezo — e o desprezo diminui, rebaixa ou avilta.

II

E quando me fala dos preceitos de Apolónio: liberdade (ser-se livre), circunspecção, mas nunca hesitação, — ccomento :

Refere-se à liberdade moral ; mas o que é a liberdade moral, em que consiste ? Será não temer as palavras, o conceito dos outros sôbre nós ? Será não temer a opinião pública ?

O facto de se pensar em a não temer, implica talvez a ideia de que ela pode fazer-se temer, ou de que a podemos temer, e com esta ideia já se não é livre — naquele sentido.

Possui muitas vezes mais liberdade moral quem, apenas de certo modo, teme ou respeita a opinião pública.

Existe a absoluta liberdade moral ?

Pode-se ser mais ou menos livre, mas não é fácil dizer, pelo menos em síntese, como se obtém e instrui essa liberdade relativa. E' variável com os indivíduos e as circunstâncias.

III

Marco Aurélio diz-me que não lance nenhum olhar, até só por um momento, a outra coisa que não seja a razão sã; e exora-me a permanente igualdade de alma, ainda mesmo nas contingências prostrantes e desesperadoras, ou lancinantes, como as longas doenças e a perda de um filho.

E' doloroso o meu estoicismo, e êsse pendor me leva, sem ter logo consciência da causa, a exagêros antemperantes.

Por isso reflexiono:

Permanente igualdade de alma! Oh! não seja indulgência, nem paciência, nem resignação, nem melancolia!

Indiferença, sim, para o bem como para o mal. Que eu receba tudo naturalmente, dando, para o que se usa chamar infelicidade e desgraça, ou, pelo contrário, a felicidade e a ventura, a habitual indiferença.

Assim, pobre de mim!—defendo instintiva, mas duramente (para mim) e contraditòriamente a minha alma sensível!

IV

Defendendo-a sempre — esta minha alma sensível — e sem bem dar por isso, pretendo que se exceptuem das afeições não simpáticas aos estoicos, por serem desregradas ou quando o possam tornar-se, — o amor paternal ou maternal.

... Pois se vou até pensando, na convicção mais sentida, não ser lícito o amor sem o fim ou a sanção da progenitura...

V

Com isto tudo, a verdade e a justiça, o seu sentimento, em notável realce.

... E o altruísmo, o desejo de bem para todos, a prática do bem, mesmo com sacrifício pessoal, applicando-se-lhe fervorosamente *inquieta bondade*, — a qual tinha Sexto para descobrir o de que os seus amigos necessitavam.

Pensando na bondade, o retôrno de antigas imagens: ela é a hóstia consagrada do sacrário da alma.

VI

Afinal, para mim, todas estas coisas cheias de calor e transportando-me,—e a minha alma, iludindo-se, clama *indiferença!*

O sentido da Beleza tenho-o também, rútilo, e, por isso mesmo, o gosto sóbrio; notável o interesse pela elegância desde que sem nenhum aparato.

VII

Marco Aurélio ensina-nos :

Nenhuma versatilidade, nem frivolidade, nem curiosidade, nem malícia ;

O domínio de nós próprios; nunca a mentira; o uso das facilidades e dos bens que a natureza ou a sociedade possam oferecer, desafectado, singelo, e, com o mesmo ânimo, poder passar sem êles ;

O cuidado em nós mesmos, modesto mas sem negligência; a gravidade ou circumspecção sem secura, nem aspereza, nem dureza ;

Reconhecer o mérito onde se encontre, não o invejar, mas até, sendo possível, proporcionar-lhe os meios de se exercer ;

Não procurar a estima dos outros ou a popularidade por complacências nimiamente justas, e também não nos inclinarmos à solidão, à misantropia ;

Firmeza de carácter e determinação segura desta disposição; sentimento de liberdade e de justiça, o coração inclinado à simpatia, a acção calma e franca, de intenção consciente, nobremente resolvida, e a alma sem amor-próprio — mau conselheiro — e sem se deixar conduzir pelas paixões ;

Colocar a felicidade sobretudo em nossa mesma alma e não na dos outros (neste caso como se a não tivéssemos, a nossa, ou a esquecessemos) e honrá-la como a um *gênio*, o gênio interior que nos pertence, dando-lhe atenção militante, de forma que o prazer a não desregre e a dêr a não prostre;

Não temer a morte, porque é natural, e libertar-mo-nos de qualquer impaciência em relação à vida, também expressão da natureza;

Observar o dever em todas suas regras, e examinar a *oportunidade* da nossa libertação, isto é, da morte pelo suicídio;

Todos os actos dos homens, como os factos da natureza, vê-los com calma e naturalidade, sem nenhuma aflicção;

A atenção no momento presente, fugaz, o único que se vive, pois o passado viveu-se e o futuro é incerto;

O respeito das relações entre as coisas humanas e as divinas;

O amor ou a estima pela filosofia, que preserva de prejuizo, de ignomínia o nosso gênio interior...

Em tudo isto vou meditando profundamente.

CONTINUANDO...

I

Ao lado do texto, nas páginas do meu admirável Estoico, nem sempre conseqüente, mas impressionante moralista sempre, anoto dispersamente :

Desejar sim que os outros, que todos sejam bons, mas ambicionar ser melhor que todos.

Tomar cada acto de nossa vida, para o efeito do bem e do dever, não propriamente como sendo o último, — assim Marco Aurélio o recomendava em geral, — mas como acto que necessariamente anelemos de bem e de dever só por nos pertencer, por ser da nossa vida. Isto é, mais singelamente, procuremos que todo e qualquer acto da nossa vida seja de bem e de dever, logo e apenas porque lhe pertence.

Os decretos do destino, de que fala !... O que são e o que é o destino ?

Viver só com o nosso génio interior e não pesquisar na alma dos outros... — como também diz explicitamente. Oh! isto é bom e possível quando se queira ou se possa fugir da sociedade e viver na solidão... Aquele pretendendo viver com os outros, querendo ser-lhes útil, terá de os conhecer para os ajudar proficuamente, para se inteirar do modo de poder ser justo e bom.

Ser bom e justo, fazer os outros justos e bons, quanto possível, mas ainda ser melhor e mais perfeito, dominá-los pelo bem e o sentimento e a prática da justiça, é o que ambiciono.

Em última análise, — aludindo ao descontentamento humano, — ninguém talvez realmente se queixe do universo, da natureza, da vida em a natureza, mas sim da vida em que aparece, num meio social mais ou menos restrito ou mais ou menos amplo. Se é censurável a intemperança, a inconformidade do ânimo dos homens, do presente ponto de vista (não nitidamente o de Marco Aurélio), será então por devermos aceitar esta existência, social, em que aparecemos, e para que contribuimos, como se fôsse a vida natural; ela é, aliás, verdadeiramente, vida natural.

II

Não há prazer ou dôr senão para os que pensam ou julgam senti-los. Eu, por mim próprio, não os tenho, não os considero ou não os quero sentir. Isto é, por minha própria conta... Quero só soffrer pelos outros, pois sei convencerem-se de haver infellicidades e desgraças; e só por elles ter prazer, pois é sinal de o terem.

Na vida devemos considerar não dôr ou prazer, mas sòmente a maior ou menor dificuldade em vencer os obstáculos interpostos na consecussão do fim dela, do nosso fim ou objecto, que podemos escolher em harmonia o mais possível com a Natureza, para nos sentirmos elemento íntimo na universal harmonia.

E, a respeito de libertação e sua oportunidade:

Pode ser oportuna, mas visto não ser ou não obedecer a lei natural, resulta em atentado contra o nosso génio interior.

Se devemos ter uma filosofia para nos guiar na vida, não a devemos tomar como sendo para *sustentar* a vida, pois esta é lei natural. A natureza, ela só, é que pode dar-nos, é que pode licitamente dar-nos, a dissolução dos nossos elementos; não a filo-

solia que nos conduz na vida e em a natureza, emquanto o são para nós.

Sôbre a morte :

Se a morte é outra vida, viver-se há como esta. Se fôr realmente fim ou termo, será então o fim, o termo lógico de alguma coisa que teve princípio, que não foi ou não se deve tomar por feliz ou infeliz, venturosa ou desventurosa, e se exerceu não mais nem menos necessariamente que todo o resto existente.

Sôbre a vida :

Não é, em si mesma, nem indigna nem sublime. Não é lodo (sujeição a lodo — como dizia Marco Aurélio), nem ceu. O homem é que pode fazê-la indigna ou sublime pela sua compreensão das coisas, dos sentimentos, de tudo emfim parte dela, e pelos seus actos.

A vida e a natureza, dentro de grande latitude, apresentam-se as mesmas, aproximadamente, aos seres de cada espécie. As qualidades de cada ser, dentro da sua espécie, pelas maiores ou menores faculdades de compreensão, mais amplas ou mais restritas, e também dentro daquela latitude, é que permitem crie ou tenha vida própria e lhe dão ou podem dar uma visão particular da natureza.

III

Vive-se o presente e o futuro, pois o presente logo nos projecta para êste, assim no próprio desejo do bem a realizar, na mesma discriminação prática da aplicação da lei moral.

E, quanto à fama :

Ela, por si própria, isto é, por sua vaidade, não, não! Ela, sim, pela reputação do bem e exemplo dêle.

Nada me deverá ser indiferente. (Assim já hoje o afirmo, em minha constante procura de mim mesmo). As coisas, todas, da natureza, e as palavras e gestos do homem, deverão ter significação e utilidade que eu lhes descubra e estude. Por muitas coisas hei-de sentir desprezo (outra modificação em meus propósitos), ódio por nenhuma, simpatia ou amor por tudo restante.

O desprezo é necessário — pretendo agora, com muita preocupação de autarquismo moral — no respeitante a ideias e sentimentos, para o conhecer ou reconhecer o desprezado, e para, a alma que tem ou nutre o desprezo, se ver bela e superior naquilo que justamente despreza.

Procurarei fazer bem as coisas humanas, lembrando-me apenas de serem humanas, abstraíndo de suas relações com as divinas, que não conheço.

O amor e a piedade, como sistema, deixam de ser fraqueza, afecção da alma (os estoicos assim diziam a piedade), e são grandeza da alma, pois êsse sistema derivou em muito do amor e piedade bem justos, inúmeras vezes, na vida social e natural.

A ALMA E O ESTOICISMO

Desprendermo-nos das almas dos outros e perscrutar sòmente a nossa alma, — eis o que nunca pude sentir.

Como se pode perscrutar a nossa alma, cultivar o génio interior que nos assiste, sem pesquisar nas almas?

O bem, sendo o que está em conformidade, para cada coisa, com o plano de conjunto, e o que propende a manter esta universal harmonia, — assim os estoicos o entendiam, — como aquele desprendimento dos outros e o só cuidado em nosso *génio* podem permitir o conhecimento dessas puras relações?

O sentimento da vida moral e a defesa instintiva para com o sofrimento (reconheço-o através de tal ou qual perturbação afectiva e intellectiva, pois

aínda estou sob a próxima influência estoica e da situação espiritual idónea a esta influência), ligame ao estoicismo. As energias, porém, fervem, o sentimento pede campo mais livre, — e assim umas vezes a alma deseja a solidão, outras a multidão; e assim ela tantas vezes comenta e reflecte e não obedece; olha muito para fóra e não apenas para dentro, e cultiva o seu próprio génio não deixando de se interessar pelo dos outros.

O estoicismo é beleza e grandeza moral, mas também, sem embargo, egoísmo espontâneo, natural.

Que êle nos alimente e inspire com o seu sentido intenso de eticismo, de vida ética, mas não nos cegue e prenda que esqueçamos a vida em sua toda complexidade, e a alma em suas relações com todas as almas e com tudo.

Porque não há-de a alma sofrer e ter prazer? Se se aumenta a quantidade e se orna e enriquece a qualidade do bem?

Que assim seja, que assim seja !

A NATUREZA E A ALMA

Na preocupação da alma humana afasta-se a minha alma da natureza.

Contemplando os belos panoramas naturais, a sombra tolda os meus olhos, de certo modo, e em relêvo sòmente me aparecem as casas, os fogos, as choupanas, onde o homem se alberga e a sua alma se recolhe egoísta ou aflita.

Quero ver a natureza, extasiar-me na beleza dos seus espectáculos, sentir as árvores, a terra, o sol, a montanha, o vale, as fragas; os declives férteis, a água manando cantante; tudo, tudo isso quero sentir neles mesmos; o espírito, contudo, da vida humana, a sombra ou talvez o fulgor da alma, das almas humanas, tomam-me o pensamento, o sentimento, e indistinta, confusa, dispersamente vejo, por

ali e além, fantasmas de almas, em atitudes, gestos, expressões, — diferentes, movediços, transparentes, etéreos...

Assim também, obumbrados pelas almas dos seres que conheci, estou sentindo os lugares e as coisas recordados da infância, do passado...

Parece me ter por êles, em si mesmos, desprendimento, alheamento, nos quais reflito e que me vexam, tomando-os, a meu cargo, por inconstância, mobilidade, debilidade...

E' criação minha êste mundo supra-sensível. São almas humanas que me saem da alma; não são gnomos, nem duendes, nem demónios, nem deuses que a natureza inspire!

E o fundamento de isto deve ser um sentimento intenso, dominador, da vida humana individual e social, e o amor e a piedade humana.

... O sentimento da vida humana e o amor e a piedade humana...

A ANGÚSTIA DE PASSOS
VACILANTES

No sossêgo — dir-se hia silêncio — subtilmente ruidoso da floresta, a alma põe-se a meditar.

Agora se acorda daquele momento lancinante:

Mui cuidadoso, mui abstracto eu ia, porque o estava...

E vi-a que vinha, não longe, seu novo namorado — o noivo — a seu lado..., conversando naquela diáfana intimidade do amor que se inflora nas doces esperanças.

Logo turvação me tomou a pobre cabeça. E pareceu-me ver, oh! vi, vi, a meu lado, a meu lado também, tomando-me o braço, apertando-se a mim, a Angústia, os passos vacilantes...!

E vacilei com ela, a andar, tristes passos, as pernas frouxas, trémulas, todo eu abalado, amesquinhado, dolorido, louco !

E encostei-me a uma parede para não cair... (em frente dêles !) encostando-se a mim, como se fizesse comigo um corpo só, a Angústia, de passos vacilantes...

Eles passaram, olharam, não sei o que disseram, o que sentiram, foram, foram...

E uma vèlhinha, que passava também mas mais ao-pé, viu-me com a Angústia, curvada, reclinada esta igualmente sôbre si, e foi para nós, aflita.

Olhei-a e disse-lhe — gaguejei, — no olhar perdido agradecimento fugitivo e terno, — que não era nada.

E assim em pouco, em muito pouco tempo se deu, por esforço de vontade, de querer, de querer...

E ela foi-se, coitada, a olhar para trás.

E vi também, desintegrando-se, descolando-se de mim, despegando-se, afastar-se, cambaleando, a Angústia de passos vacilantes...

A ETERNA SOLIDÃO

Dia e noite são tuas companheiras as lages do túmulo.

Dia e noite a solidão, dia e noite a treva eterna.

Há noites horrorosas de inverno... Frio, gelo, chuva... E tudo vem a cair no lageado do sepulcro.

Ah! pobre ser querido! Como ficas só nessas noites de inverno!

Na primavera, pelas manhãs, quando chilreiam as aves pequeninas nos ciprestes e nos colmos dos jazigos, onda, suavemente acalentadora, transfundirá em teus membros carcomidos e rígidos.

Oh! porque não posso eu, nas noites geladas de inverno, unir ao meu corpo quente os teus delicados braços e encostar a minha face à tua face?!

Se te falta, para voltares à Vida, a seiva do Amor, dar-t'a hei em minhas lágrimas.

Vem, abandona a soledade da Morte ! Vem ter comigo. Vem, para que eu veja de novo o teu rosto e possa beijar-te e ouvir a tua voz ! Vem, tu não podes desaparecer assim, para sempre !

Quero ver-te ! Que tu, que a tua alma me visitem ! Vem, vem...

Perde-se a minha ansiedade, eternamente, na Sombra, na Dôr, no Infinito !

Quando hoje apliquei as minhas palmas no teu túmulo, de novo estremeci e chorei rendidamente na alma. Oh ! a tua presença, em corpo, está perdida para mim, mas o teu Espírito é o meu mais intenso sentimento !

... Sabes que ando aborrecido, tomado de tristeza profunda e lenta...

Como desejo a morte, como quero a eterna solidão !

LIVRO II

Dia pleno

EGOISMO

Enchiam-me o peito, a transbordar, os sonhos altruístas.

O amor, a amizade, o sentimento, a ansiedade de vida generosa e fecunda, libravam-se do meu seio como andorinhas: arrogantes no espaço.

O espírito anelava a criação, o ser a eternidade.

A morte há-de gelar as tuas asas, andorinha, e não mais voarás, livre no espaço!

O que tu geras, oh! Natureza, a teu fértil seio volta e em tua face há, por todo sempre, a mesma indiferente expressão!

Um dia veio a crise. A asa da Morte roçou o meu rosto macilento e o Egoísmo começou a entrar na minha alma.

AMIGO DE INFÂNCIA

Lembro-me muito de ti, gentil companheiro de infância.

Juntos trepámos às árvores, corremos e saltámos... O rubor dos jogos còrou ao mesmo tempo as nossas faces.

... E juntos nos alumiou o perturbante luar da puberdade.]

Mas um dia, cedo, da Vida te arrebatou vento áspero.

Adeus, caro amigo de infância !

E ASSIM FOI...

Algumas vezes se é de orgulho feroz. Assim eu fui.

Duro como os seixos que o mar arremessa às praias. Assim eu era.

Mas que um ente doce e bom nos passe meigamente a mão pelos cabelos, e o nosso orgulho cairá a seus pés desfeito em lágrimas.

E assim foi, comigo e contigo, — Criatura Dulcíssima !

POBRE SER QUERIDO

I

A's vezes quando contemplo a natureza livre, e sinto nela a vida brotando das coisas...

Quando o sol, rútilo, triunfante, inunda a paisagem de luz; e a terra, sossegada ou revôlta, o acolhe e toma, como a virgem ao espôso no leito de noivado...

Quando as árvores, altas e frondosas, balançam impelidas suavemente pelo vento.

Quando passam espelhentas as águas dos rios, de doçura igual ao colo dos cisnes.

Quando tudo enfim, em a natureza, é cântico de alegria...

... Tenho pensamentos tristes. Lembro-me de ti, Pobre Ser Querido! Fôste breve arrojado — arrojado! — da Vida, onde eras parte de sua beleza!

Contigo levaste o teu sorriso meigo, o olhar doce e límpido, e — chego a pensar — as mesmas bênçãos que a tua alma derramou!

E posso no entanto, Criatura de Bem, sentir bela a natureza sendo tu morta?!

II

Medito depois. Sinto e penso melhor.

Bênçãos e benefícios derramou a tua alma, e êles ficaram em sua luz de inteligência e sentimento.

O fino sorriso, o olhar aberto, espalharam a fluxbondade, e ela revê-se nas grandes expressões carinhosas da natureza.

A graça das tuas feições, a delicada silhueta do rosto, confundem-se com as linhas dos aspectos naturais seduzentes.

Ficou planando o teu espírito bem formado...
Oh! tanto bastava para que eu sentisse belas e amasse a Natureza e a Vida!

ANTONIO NOBRE

Poeta doce e singular !

Tens visto, no mundo das sombras que divagam
arrastando a mortalha, o teu nobre camarada de
Inglaterra? — como lhe chamavas...

E Camões—o poeta do mar largo,—tem-lo visto?

Quando te leio, António Nobre, nostalgia indefinida me punge.

No fundo luminoso da Vida passaste envôlto em
manto negro. Mas, a teu lado, pendia uma lira de
estrêlas.

COMO O CORAÇÃO NOS ENGANA...

Em alguns momentos lembro-me de ti.

... O olhar suave na expressão do amor, o sorrir insinuante de tua boca vermelha...

Gestos meigos como se fôsem quebrados pela paixão, brandas pieguices, leves enfados, ternos anseios...

E quando as nossas mãos se apertavam, palma com palma, e tu dizias: — são feitas uma para a outra!

Mas, por vezes, li em tua pupila a frieza do teu coração,— talvez por ti mesma não suspeitada...

O poeta da *Noite de Dezembro*: — «Pourquoi, grand Dieu! mentir à sa pensée?»

Oh! eu não digo dêste modo, mas sim apenas:— como o coração nos engana, aos vinte anos!

MÃE CRISTÃ

A Deus ergues, oh Mãe! as tuas preces!

Vejo o teu corpo humilhado, prostrado — e assim todavia dolorosamente engrandecido — perante a imagem esculpida da Virgem e as miniaturas de tuas filhas mortas.

... Passa no ar, em revoada, um bando de pom-bos bravos, e some-se na sombra escura do horizonte...

Assim breve se perderam as tuas esperanças... Não acalentarás em teu regaço os filhos de tuas filhas!

Enche-te o peito, a transbordar, o entusiasmo divino, cristão. A Virgem do Calvário soergue levemente o busto, claro e diáfano, e, com evidente ca-

lentura no olhar, apoia as mãos na fronte de tuas filhas.

A tua infelicidade aproximou-te, ainda mais, de Deus, e a Virgem desceu ao lar que te resta.

Há contudo momentos em que a alma arrefece, esfria...; em que a tua própria alma, talvez, possa arrefecer, esfriar... E se, oh Mãe! — perdoa, perdoa a blasfêmia! — tiveres então coragem para ver, ou se o conseguires através das sombras de tua religião ou os fulgores dela mesma e de teu admirável sentimento, compreenderás — oh! angustiosamente! — que as almas de tuas filhas não vivem em ceu independente da tua alma, nem nele teem repouso, mas esparsas vivem em tudo, sem descanso...

E que a tua alma nutre uma ilusão, a da consciente felicidade delas no Ceu, a do vosso futuro e luminoso encontro no Ceu!

Oh! a tua alma, sacrário puríssimo, guarda verdadeiramente o olor inextingível — em ti — da sua saúde!

O QUE FAZ O HABITO E O SENTIMENTO...

Ajudou-o, na hora última, a reclinar docemente no peito a cabeça veneranda.

Conheceu por longos anos, desde quási os primeiros dias, as suas blandícias e o amplexo ora suave ora robusto dos seus braços.

Mas, aquella fronte simpática e austera, a dulçorosa benignidade do olhar, o sorrir cativante, porque não eram imagem fiel da alma ? !

Ele viu — ou pareceu-lhe ver — quanto bela pode ser a máscara da hipocrisia.

Mas soubesse por fim o que era essa alma — o que faz o engano e a ilusão do mundo ! — que a mesma seria, pensava, a sua amizade.

E se voltasse a esta vida, êsse outro — o que faz o hábito e o sentimento ! — a mesma seria, pensava-o ainda, a sua sincera amizade.

SERENIDADE

Da minha janela contemplo parte da cidade com as suas casas dispondo-se pela grande encosta. Lembrem-me os socalcos das vinhas no Douro.

Mais ao longe a bela enseada do Tejo. Depois o Barreiro, as terras do Sul e os montes da Arrábida.

A vista é muito ampla. O olhar corre por ela voluptuoso, perdendo-se na linha difusa do horizonte.

E o meu pensamento abrange, num relance, a imensidade das coisas... E, então, a Serenidade.

PRIMAVERA TIMIDA

Tu não és a primavera de luz clara e fecundante, de gritos e risos alacres brotando das coisas.

Porque te encobres, primavera, com veus de pudor e finges humildade?

O ceu está vestido de nuvens pardacentas. Do sol não pode chegar até nós a luxúria criadora.

Não importa: ainda que te encubras, não te escondes, primavera!

Sinto-te nas coisas. O teu gesto, apesar de tímido, é provocante... A tua voz, murmurosa, oiço-a todavia como canto de alegria e amor! O teu hálito envolve-me, embriaga-me...

E se eu fôra sequestrado do mundo e da vida exterior e perdesse a noção do tempo, quando tu, mesmo disfarçada, chegasses..., eu diria: — agora é primavera!

EXEQUIAS

Passo no largo de uma catedral. Oíço reboar os sinos dolentemente. Dizem-me: — são as exéquias de um alto sacerdote.

Os fieis correm pressurosos.

Sigo, pensando: se, em fundamento, a alma é alegre, deverá sentir êstes grandes soluços de música assim como cânticos de alegria.

Estou sentindo o grito como canção, ou hino ou cântico de alegria !

CASA RUSTICA

No meio da cidade, neste bairro populoso, em porção de terreno inculto, distingo uma casa de aspecto rústico.

Está altinha, no monte, mas, a pouca distância, as ruas, o casario, o trabalho, a gente formigando...

Ao lado, muito cêrca, desenvolveu-se frondoso chorão.

Quando olho para essa casinha de campo, penso que, se minha fôra, seria o meu quarto de cama o afrontado pela bela árvore.

De manhã, ao acordar, nestes dias resplandecentes, ouvindo, ainda ensurdecido, o murmúrio da cidade, viria aquela árvore, com a sua presença, dar-me o beijo juvenil da primavera !

AMOR IMPERTINENTE

Porque me persegues, Amor, e me espreita, sorrindo, o teu rosto insinuante?

Porque tal insistência? Quando leio, estudo, passeio ou descanso, lá te distingo, ou hesitante, ou cativante, ou provocante...

Porque não vais ter com os ociosos? Eles podem — eles sobretudo — acolher-te blandiciosamente, como tu gostas de o ser. Em seus braços te desvanecerás em momos e piçguices... Galantemente sabem brincar com as tuas madeixas loiras e beijar-te os lábios rosados.

Vai, vai para êles, Amor!

Não me julgues ingrato. Via-te de outra maneira; não tinhas êsse aspecto, aliás de tradição, de criança buliçosa, de génio todavia mole e um não sei quê feminil.

Deixa-me, vai, procura os ociosos e os ignorantes!

A TI!

A ti, cujas iniciais nem ousou pôr...

Sei que me amas, e ser casto o teu coração, e o
espírito claro.

E' bela a tua fronte contemplativa.

Em tuas acções recta e carinhosa foste sempre.

Os olhos dizem quanta ternura, em uma vida de
dedicação, votarias ao espôso.

E, contudo, afasto-me de ti... Sentindo porém
como o exilado de sua pátria...

CAMINHO TRANSVIADO

Assim os mais homens, corro e experimento várias mulheres... (Palavras de desatino, de desconcerto !)

E quando, na mútua confusão, libamos o gôzo do desejo, sinto o aborrecimento entrar-me na alma.

E nela se me cavam rugas, um desdém, um senil descontentamento.

... Penso, com íntima dôr, que também a minha alma se está envilecendo e tornando grosseira.

SERENIDADE

Há os maus momentos e neles a alma permanece ansiosa, transida, aflita..., olhando os túbios pensamentos.

... Passam, correm, tumultuosos e em revoadas, — e o que é mesquinho e isento de beleza !

E a alma olha contrita...

Poeta e amigo: tu que alimentas nobre ambição de Altura, chama em teu auxílio as gratas recordações e o que hás possuído de mais elevado e inteligente em tua alma.

E verás precipitar-se e sumir-se, em turbilhão, lá em baixo, o que não tem beleza e a revoadas dos túbios pensamentos...

BUSSACO

Aqui me tens, admirável Bussaco, — adoentado, cançado, emmagrecido...

Aquela cidade, o seu movimento, as lutas que abriga, as vozes, as fisionomias, tudo enfim, ali, me exaure e aborrece.

Bussaco: o teu solo ubérrimo, que gera profusamente fetos gigantes, cedros perenes, água incomparável, pode facilmente vivificar o meu sangue empobrecido!

E que o sol me encha de seivas, me beije e aqueça, e eu me sinta penetrado de sua luz!

Tenho a impulsão, íntima e intensa, de me confundir com a terra, as plantas, a água, o arvoredo,

de me dissolver em teu seio, Bussaco, e nele me tornar a criar, sob outras formas. Tenho o desejo, de voluptuosidade subtilíssima, sem elemento ou resíduo material sensível, de me aniquilar e em seguida criar em teu seio !

Mal o posso exprimir, admirável Bussaco, mas tu o pressentirás ! Aqui me tens, aqui me tens !

SEOMARA

I

Seomara !

De noite eu andava passeando nas margens do Mondego voluptuoso; e sentia a sêde dos beijos da Mulher.

Assim o animal violento na época do cio, como êle eu passeava sequioso.

E vi-te, Seomara, marchando ágilmente, subindo uma calçada, e logo o meu corpo tendeu para ti e o meu olhar se fitou no teu corpo ! Saltei, pisando as pedras que tu pisavas.

II

Quanto é belo, na mocidade, o ser humano! Andando, correndo, saltando, quão belos os seus movimentos!

Sem ver o teu rosto e distinguindo-te mal nas sombras da noite, adivinhei-te, Seomara, e precipitei-me com a tua mesma agilidade!

Encantadora será no mato a gazela saltando, soberbos, dominantes, os saltos dos felinos...

Acima, porém, de toda beleza do corpo e do movimento, sinto a da Mulher!

III

Porque estás, Seomara, triste a meu lado, o olhar distraído, a fronte desatenta?

Apertam-me por vezes os teus braços, mas o coração não está junto de mim.

Ainda que dessedento, não te acho o colo senão mais formoso e os outros encantos seduzem-me crescentemente...

Aspiro-te o hálito na sua fonte, os membros em repouso tateio-os com doçura.

Não peço, não quero o teu amor, o sentimento, Seomara, porém só os carinhos, os afagos... Afasta, pois, a tua tristeza.

... Afinal, que me importa a tristeza do teu coração se a alegria realmente jorra de teu corpo?!

IV

Esparsos os cabelos negros e, no rosto moreno e sério, a boca descerrada...

Erguidos os braços, as mãos sob a cabeça, avultando o peito calmo ou perturbado e o seio testo...

Sem pudor ou esguardo o ventre de juventude...

Oh ! Seomara, inconfundível naturalidade a tua !

Oh ! Seomara, assim te amo, quero e desejo !

SÍNTESE

Meninice de impressões duráveis, alegres e profundas. Assim passou a minha meninice.

Na infância água turvosa, folha de golfão branco.

Puberdade, indignação pela injustiça, pela Beleza impulsão já consciente.

Precoce, irregular e cálida desabrochou, floresceu e murchou a flor da puberdade.

A adolescência, para quási todos vinho capitoso, foi-se tornando para mim, bastante, vinagre de Jesus.

O sonho, o amor, iluminismo, melancolia, pessimismo... Idealismo e esteticismo. Estoicismo. Independência, liberdade, altruísmo, atividade. Orgulho e humildade, castidade...

O estudo, a observação, a aprendizagem, o sofrimento, a dôr.

Elevação não fácil de repetir-se nas almas.

Dêste modo se inflorou, enalteceu e se esvaiu a adolescência.

Passada a crise, dias de juventude, e, de novo, perto me senti da Natureza.

Procurando sempre e conhecendo sempre mais, vivi mais larga vida.

O passado e o presente estão em mim como, em solo fecundo, semente criadora.

E agora, comêço do dia pleno, o espírito sapiente, tenho o sossêgo na alma venturosa.

RECORDAÇÃO

Altinha, graciosa, delicada; a cabeça de nobreza e gracilidade; olhos castanhos, luz profunda, transparência; nariz fino e palpitante; sorrir suave, o olhar perscrutador...

Lembro-me, Carmen, quando estávamos naquela grande sala — tantas vezes! — e dançávamos, não conversando muito, pela hesitação em nossas linguagens diversas mas irmãs, e, sobretudo, nos olhávamos sondando o affecto, a afeição recíproca...

Alguém—e era mulher—me disse:—é mais linda e doce do que eu pensava!

Como é encantadora a emoção dos primeiros amores! Como há nela pulsação comovida que totalmente nos invade e embriaga! Como nós só mais tarde o sentimos!

Lembro-me de ti, muitas vezes — oh ! muitas vezes ! Qual foi o teu destino ? A felicidade bafejou a tua fronte ? Quantas venturas te desejo !

Como eu gostaria fôsse esta *recordação* às tuas mãos e a lôsses enternecendo-te pelo sentimento antigo ! Mas quanto ambicionaria te encontrasse fruindo os bens mais desejáveis — para ti, mulher, coração gentil ! — a paz e a ternura de uma vida de família sã, marido bom e affectuoso, filhos nobres !

Reserva-me na tua alma uma lembrança. Bênção a mais será para os teus filhos.

Assim, tudo se transforma. Que seja fecundo e perpétuo em sentimento o nosso temporâneo amor ! Que êle se torne outra razão de tua felicidade e da dos seres que te são queridos, — germinando e revivendo nas tuas e suas alegrias, aspirações, almos contentamentos !

E que êle também se perpetue nestas linhas singelas — dêste livro sincero.

ILUSÕES DA MOCIDADE

Como é belo o estuar das energias,—das energias nobres da mocidade ! Quanto possuí de vibrante sentimento, de vigorosa poesia ! E estas coisas passam, o mundo desfigura-as, perdemos a sua lembrança... A's vezes, se chegamos a evocá-las ou se no-las recordam, envergonhamo-nos como de fraqueza ou ingenuidade lamentável, ou prejuizo da nossa intelligência.

Quanto, com o roçar do tempo, da vida social, vamos perdendo de encanto, de pura beleza, e nos tornamos grosseiros ! E isto em regra se não vê, se não sente ! Quanto é necessário de insinuante consciência para bem o ver, bem o sentir !

Não desdenhemos os antigos ardores e entusias-

mos da nossa alma. Não lhes chamemos ilusões ou ilusão, porque ilusões ou ilusão é o que lhes pusemos por cima, os olhos vendados, julgando nós que viamos bem, e o gesto necedoso e rude, na persuação contudo de inteligente.

Que a alma se construa recanto mui discreto onde os ponha, e no seu exame e contemplação rejuvenesça de quando em quando.

Homem! tu és bem néscio e cego desdenhando as ilusões — como lhes chamas — da tua juventude!

SÍNTESE-AMOR

Ainda menino, o olhar meigo e alegre de uma mulher me sujeitou a mente, e, por algum tempo, impressionou-me aquela suavidade e busquei em sobressalto o seu olhar.

Amei depois adolescente e amei na mocidade. Amei e fui amado...

Do amor por uma ou outra, como era ou foi, podia dizer, explicar... mas, para quê?

Ficaram-me saudades, a experiência, doces lembranças, arrependimentos, nenhum rancor, mais subtil e puro o sentimento...

Enfastiado do amor, neste hoje que vai passando,
penso já não o querer ou desprezá-lo. No íntimo con-
tudo, se nele olho, uma como certeza: se pretendesse
arrancá-lo do coração, cair-me hiam gotas de san-
gue na esperança e serenidade da alma.

COM O ROSTO VESTIDO
DE CONTRIÇÃO

... «e chi allora m'avesse domandato di cosa alcuna, la mia risponsione sarebbe stata solamente — Amore — con viso vestito d'umiltade»... , dizia o meu Egrégio Poeta.

Mas eu responderia, talvez sòmente e com o rosto vestido de contrição, não Amor, porém — Dôr ! Dôr !

DESTINOS IGUAIS

Penso em ti, Dulcíssima, Bondosíssima... E só desejo, ou sumir-me contigo no Esquecimento ou trazer-te a viver comigo Vida perdurável, Vida eterna.

NOIVADO

Beijo-te os pés, minha noiva, minha mulher, no calor da emoção do amor, e os meus beijos vão subindo, cariciosos, sedentos, ardentes, até os teus lábios onde se prendem e se demoram.

Tão branca, gentilíssima, flor rara, aspiro-te insaciável!

Trazes-me plena voluptuosidade de amor;—aínda não assim a experimentara!

Beijo os teus joelhos, encanto natural, inconfundível.

Oh! momentos que não posso acreditar se reproduzam! A nossa idade, dos dois, a tua formosura de Botticelli, a emoção pura, a consciência sem mácula, o acto, os actos consagrando a família que se deseja fundar, a casa, o lar...

Oh! tudo os deve fazer inimitáveis, irrepetíveis!

RIO DOURO

Do Palácio de Cristal vejo as tuas águas profundas e calmas, Rio Douro, rutilando ao sol do meio-dia.

Tudo é visível sossêgo na atmosfera e na terra, longe e perto.

O rio, coagido entre montes do lado do mar, alarga suavemente para a cidade. Lembra o seio de mulher jovem desprendendo-se de colete que o comprimia.

Naquelas águas verde-escuras não é soerguida a vaga e nem um pequeno batel está sulcando a sua face livre e serena. Lembro-me do seio calmo de virgem ignorante.

Por detrás de mim o lago do Palácio, sombrio, verde-negro; cisnes brancos, formosos, coleantes, vaidosos... Evocam-me inúmeras imagens de Leda.

Descanso de novo o meu olhar no quieto Rio

Douro. Ergo-o depois lentamente e contemplo as ribas da margem oposta.

Quando tu, Rio Douro, passavas não conhecendo os risos, clamores e gemidos de uma cidade, e de um e outro lado de teu leito se desenvolvia pelas colinas vegetação paradisíaca, tudo seria, nesta hora lucente e aquentadora, maravilhosa epopeia vegetal!

Agora dispõem-se, pela encosta fronteira à cidade, casas pobres, modestas, alguns recantos de ruas, por ali e além fábricas...; em outros lugares pinhal ou jardim, casal ou quinta...

Penso na vida humana absorvente e invasora. Logo a evocação das dores, sofrimentos, prazeres e contentamentos humanos.

Ali, sob tecto caloroso e discreto, a confusão amorosa de dois seres. Acolá, em presença do filho morto, os pais consumindo-se em terebrante angústia. O amor, o ciume, o ódio, a piedade, todos os sentimentos emfim, substituem agora as palpitações, o estuar da antiga vida vegetal.

Mas, ainda, agora como sempre, o sol soberano canta, sôbre todas as coisas, um grande poema — que não chora, não geme e não ri: um grande poema de sublime indiferença!

MANHÃ DE OUTONO

I

Ainda não estamos em rigoroso inverno e assim as árvores se não despiram do pudor...

Ao fundo a terra germina em verde erva. Ao longe o mar baço e espelhento: pelo vento que o encrespa, pelo sol que o lambe.

A atmosfera límpida.

Como chuva de oiro borrifando o ventre de Danae, o ceu começa esparzindo na terra delicada chuva de prata.

O sol, oculto agora, sente-se ainda porém, aquecendo, esclarecendo, iluminando por toda a parte.

A vida e a morte teem igual madrugada; a fresca manhã de outono assemelha-se à da fértil primavera.

II

O ar escurece.

Como bando de aves monstruosas, nuvens sombrias surgem do sul e alastram no ceu as asas negras.

Combate aéreo de gigantes, urros infinitos, gritos de luz!... E a chuva inunda diluvealmente o seio sempre virgem da terra.

III

Vamos, minha noiva, minha mulher, entregar-nos de novo às nossas carícias.

Emquanto a chuva cai e alaga a terra, entreguemo-nos ainda ao amor, à nossa doce emoção...

Voltará em breve o sol, reaquecendo a terra, brilhando, refulgindo miliarmente, na erva, nos arbustos, nas folhas das árvores, e os passarinhos, agora encolhidos e trémulos, tornarão a esvoaçar e a chirlar, e então voltaremos também saudando a nova manhã, — porventura em dia pleno, — a nova manhã de dedos de aneis refulgentes.

... Minha noiva, minha mulher, entreguemo-nos ainda ao amor, à nossa doce emoção !

A BYRON

Fôste injusto dizendo: — os escravos portuguezes... Proferiste soberbo: — os ingleses, os senhores do mar!

Não te lembraste, Byron, que fomos os primeiros, os maiores navegadores! E que o mar, os oceanos, foram nossos antes de serem vossos!

Escravos, nós!

Tu, altivo Byron, lêste Camões?

Mais justo foi e não menos nobre e orgulhoso que tu. Vê, a sua alma é a de Portugal!

Quando, no cadinho dos séculos, das idades, já fôrem imersas e dissolvidas as tuas palavras — oh! de há muito aquelas não dignas de ti! — ainda letras do metal mais puro e scintilante hão-de emergir: *Camões, Portugal!*

NOIVADO

Tirei-te o veu de noivado, os dedos trémulos, e aproximei-te suavemente de meu peito; beijei-te na boca, — o primeiro beijo, indeciso e tímido de tua parte, nervoso e quente da minha.

Levei-te nos braços, quási suspensa, a ver a nossa casa, ninho de afagos.

De beijos sem termo te ia tocando, na face, na fronte, nos lábios.

O que dissémos? Quási nada. Já tanto um ao outro tínhamos dito!

A' noite, oh! daí a pouco tempo, muito cedo, também nos braços te levei — quási suspensa — ao leito, e, entremeando carícias com os gestos que te desvelavam, reclinei-te, deitei-te, aconcheguei-te.

Nesse momento então—coisa talvez estranha!—em contrição vagamente dolorida, aquietei em minha avidez e, sério, sentei-me a teu lado, — tu sob as roupas leves, eu, de fora, vestido.

Assim, as tuas mãos nas minhas, algum tempo estivemos. Eras irmã, filha, eu irmão, pai... Emoção, carinho como se fôsse paternal.

Quando os espíritos alados do amor, transviados, de nevo se aproximaram e roçaram por mim sensível, deitei-me a teu lado.

A noite... de núpcias.

LUA DE MEL

I

Vem a aurora de lábios côr de rosa beijar a nossa janela e espreitar-nos, e vê-nos no doce repouso, a tua face no meu peito, o meu braço rodeando o teu colo...

Ergue-se o sol, de fronte incandescente e olhar indiscreto; segue em sua rota de vigilância e domínio, e assiste a inúmeras das nossas carícias, confidências, confissões, expansões da alma...

O poente, de manto de púrpura e de oiro, não se despede sem nos olhar, sem nos ver um ao outro apertados, o meu braço na tua cintura, a tua cabeça encostada no meu ombro, — os dois contemplando-o.

A noite, de veus ora sombrios ora infinita e dispersamente refulgentes, sabe também quantas vezes nos tem embalado em nossas mútuas carícias, confidências, confissões, expansões da alma...

Quantas vezes também nos tem surpreendido, sentados os dois, as mãos unidas, olhando, num encantamento, os seus veus — infinita e dispersamente refulgentes...!

II

Estão em nossas almas a confiança e a esperança — nas horas de hoje e nos dias porvindos.

Confiança e esperança por instinto, — que apenas o seu bafo, o aroma dessas flores raras e misteriosas, chega subtil, levissimamente à nossa consciência...

Isto será sempre assim?

Hão de suscitar-se talvez, fora de nós, dificuldades, asperezas; os nossos pés doer-se hão muitas vezes no caminho...

Mas, se nos amarmos sempre!

Hão de suscitar-se talvez, entre nós, incompreensões mútuas, certos fastios, friezas, indiferenças, cóleras porventura, palavras daquelas que se pronunciam e logo se desejariam aniiladas, se desejaria não terem sido jámais...

E, sendo assim, ficará ainda em nossas almas a olência, o perfume da confiança e da esperança — nas horas de então e nos dias porvindos?

Da confiança e da esperança que nos façam seguir, os olhos lípidos sempre e olhando-se tantas

vezes entre si, e a fronte serena na convicção de que, mesmo faltando-nos tudo, fora de nós, jámais nos faltará o apoio recíproco, a mútua entrega e posse da alma, e um coração onde ela se possa refugiar?

III

Dias inteiros, muitos, emquanto a população nas ruas, nas praças, nas casas de trabalho ou de divertimento, trabalha ou se regosija, eu e tu ficamos juntos, em nossa casa, no nosso lar...

Assim começamos a vida de família, de geração dos filhos — do primeiro filho — e de sua criação.

De madrugada quantas vezes nos embala o canto do rouxinol naquele jardim frondoso e tão próximo!

Ao cair da noite a música de um piano, bastante perto, delicadamente tangido, — melodias de Grieg, — enleva-nos também docemente...

Em nós ainda o sentimento, inefável, palpitante, do filho que estás gerando.

Oh! e de quantos votos e ambições — rescendentes, luminosos, halo de flores e estrêlas — não cercamos a sua gentil cabecinha que ainda mal se vem a formar!

IV

Oh ! minha mulher, minha amada, quando fôrem chegando os dias porvindos, ou nós os formos alcançando—sucessivamente, necessariamente,—quantas vezes nos lembraremos saüdosos dos instantes de hoje !

A aurora de lábios de rosa beijando a nossa janela, o sol de fronte incandescente, o dia de olhar indiscreto, assistindo a tantas das nossas carícias, o crepúsculo de manto de púrpura e oiro despedindo-se, a noite e seus veus, ora sombrios ora refulgindo de miríades de estrêlas ;

A confiança e a esperança nas horas de hoje e nos dias porvindos, o canto do rouxinol, a música de Grieg, o sentimento inefabilíssimo do ser que em teu seio vai sendo gerado, o nosso mútuo encantamento,— oh ! minha mulher, minha amada, quantas vezes tudo isso recordaremos saüdosos !

Mas também, minha mulher, minha amada, que tudo isso nos vá alimentando a confiança e a esperança, à medida que formos alcançando os dias — êsses dias porvindos !

UMA FILHA !

I

A vaga dos tempos, ou do Acaso, ou do Destino, ou da Providência—que sei eu?!—te trouxe, minha filha, a esta plaga !

E eu que por aí caminhava, o passo incerto, recebi-te nos meus braços e pareceu-me logo que o andar se me fazia firme, o meu objecto era sem ilusão e tudo em volta se esclarecia: o ceu, o horizonte e a margem e os limites daquela plaga !

O meu coração se encheu de galas, alegrias, festas, esplendores, ritmos inconfundíveis, melodias divinas...

O meu coração se encheu de galas e esplendores!

Então te aconcheguei ao meu peito, com mil carinhos, mil blandícias...

Os teus lindos olhos se abriram e logo me pareceram profundos, cheios de inteligência...

Os teus lindos olhos se abriram, profundos e inteligentes !

Jámais esquecerei êsse teu primeiro olhar ! Uma nova alma aparecia, planava, flutuava, vivia ! E esta alma, única sem dúvida, — foi-o assim logo ao meu coração, — vinha juntar-se à minha, vinha fundir-se com ela, formando as duas uma só, de duas expressões, duas feições: a tua de encanto, beleza, gentileza, — oh ! sedução, encantamento ! — a minha séria, comovida, paternal, maternal, fascinada pela tua !

Teus lindos olhos se abriram... ! Sedução, encantamento !

Pela vida adiante — pensava eu, penso eu — ela me será apoio, guia, conforto... Tu serás, minha filha, a amiga, a companheira, a colaboradora, e quando chegar o momento em que o teu próprio destino se deva alcançar, abrir-te hei dos meus braços e, sempre olhando-te, vendo-te, amparando-te, deixarei que vás ao teu bom destino.

Assim eu pensava, assim penso, em minha fascinação.

... Um filho, uma Filha, de grandes olhos já profundos e inteligentes !

II

Deitei-te no bercinho, ao lado de tua mãe, e fui por aí fora, emoção louca, a pensar na minha felicidade...

Fui por aí, por aquela plaga, que já o não era, aquele caminho, êstes caminhos, a pensar na felicidade de te ter, minha filha !

Fui por aí...

Oh ! sim, decerto, agora tudo é belo, e o passado, se agro foi, talvez o fôsse para eu te ter, para tu seres nascida e criada !

No ceu—era já noite—as estrêlas me apareciam como se no meu próprio peito. Em cada uma não via propriamente lampejo do olhar divino, mas scintilação da tua alma, quando ela, de futuro, brilhasse e scintilasse de seus mil fulgores, de suas mil claridades.

Todo o passado, a mesma Eternidade, me eram razão necessária do presente e tinham sido por êle, na minha alma, na terra e no ceu, no firmamento, em tudo...

Tudo era pelo presente, pela minha filha, pela minha natural ventura, felicidade, plenitude...

Homem, ser do Universo, criatura dominadora !
Cada ser, estava eu pensando, é dominador, desde
que haja determinado o seu objecto, o seu destino,
e alcançado o seu apoio, segundo a grandeza e nobreza da sua alma !

Eu me estava sentindo um ser dominador, o universo era meu, eu podia, posso ter a filha nos meus braços e olhar em sua alma — em sua alma que iria ajudando a formar e que já nos seus olhos inteligentes e profundos se entremostrava...

O universo era meu, o universo era meu !

III

Ilusão, ilusão! — alguma coisa dentro em mim talvez me o estivesse segredando a medo... Mas eu continuava, enternecido, caloroso, em meu contentamento, em meu louco entusiasmo, imaginando um universo para mim: — ela própria, a minha filha, e a sua vida, o seu futuro, o seu destino bom, e eu também, nós os dois!

E fazia o gesto, consolador, de a embalar, como se nos meus braços fôsse e não a dormir no seu bercinho—berço promissor, cheio de quietude de ninho e de esperanças de luz!

E fazia o gesto consolador de a embalar, de a acalantar nos meus braços...

Voltei a casa, ao-pé da mãe dela, minha mulher, e ao-pé do bercinho; e enquanto as duas estavam dormindo, pousei a fronte na borda do bercinho e fiquei assim longo espaço.

Todo eu emoção íntima... Oh! lágrimas, lágrimas — de alegria, sem dúvida — vieram, marejaram os meus olhos, caíram...

Lágrimas talvez de agradecimento, de gratidão,

— pela vaga dos tempos, do Acaso, do Destino, da Providência..., que sei eu?!

Oh! lágrimas como se fôsem de compunção rendida!

E quando por minha vez me deitei ao lado delas, para repousar, na branda quentura do leito e quietação do ambiente, depois daquelas lágrimas, veio um sentimento mais calmo, mais suave, o de proteger duas almas, o de valer por elas alguma coisa, e sobretudo pela alma que iria formar-se,— o de valer alguma coisa nesta plaga insondável, de limites insondáveis!

Vamos, vamos, filha minha, esperança maior da alma, sê como aquela estrêla que terá nascido por ti; brilha, ilumina e resplandece como ela, sempre, sempre...

E quando tua mãe e eu, quando formos entregues ao scno eterno, com as tuas delicadas mãos vem cerrar os nossos olhos cuja luz maior foi a de te terem visto e que, por tua vista, ficaram para sempre iluminados!

Vem então, filha, e cerra os meus olhos, exaustos, exauridos, mortos, mas ainda com a luz da tua vista, do teu olhar profundo e inteligente!

Oh! minha filha, cerra então os meus olhos com as tuas mãos delicadas!

JARDIM ZOOLOGICO

Visito hoje, o sentimento contemplativo, um jardim zoológico.

Vejo numerosas espécies, de carácter variado. Com os diferentes animais, em minha meditação, simpatizo. Os seus hábitos e os corpos, movimentos, expressões e gestos, olho-os com interesse e emoção.

Mas quando dali saio dominam duas imagens: o bico misterioso da íbis sagrada e a nevura da garça branca.

A SCIÊNCIA

Na ciência procuro, mais ainda que o próprio conhecimento, o reflexo moral do conhecimento que se vai obtendo e adquirindo.

O *amor intellectualis* de Spinoza, se bem que já o tenham feito, senão antagónico, de certo modo divergente, ou ainda pelo menos dissemelhante do *amor moral*, penso que tem êste como consequência se se aplicar à vida humana, individual e social; e penso também que o *amor moral* é assim pois, na essência, *amor intellectualis*.

O trabalho científico, a investigação científica, facilitam e aperfeiçoam a vida; esclarecem-na, orientam-na, trazem-lhe um fim nobre, e dão também à nossa alma o sentimento do eu criador; e assim, por tudo, nos dão repouso e nos consolam.

· VIDA PÚBLICA

Ocupado e preocupado pela obra útil a todos — científica e literária — e pela de criação do filho, a nova alma, — elementos os mais sensíveis da transmissão espiritual.

A vida pública assim se mostra, por esta razão, intermitente e ocasional.

Mas cuidadosa também, em acto de civismo e no intento de completar a outra mais intensa e dura-doura.

OH MUITO BONDOSA!

Vejo o delito, o engano, o dolo, o malefício, a hipocrisia...

Roça por mim, muitas vezes, querendo ferir-me, a unha garrosa da maldade.

Mas recolho-me em minhas recordações, e então, sempre, oh Muito Doce, Muito Bondosa! a tua lembrança me traz o pensamento de uma vida de paz e de perdão.

VIDA MORAL

Tomado essencialmente pelo sentido da vida humana.

A filosofia sinto-a sobretudo como filosofia moral.

Desejo o Bem numa íntima e profunda necessidade; parecendo-me que neste alto pensamento a minha alma comunga com o Universo.

Estas coisas são do temperamento, da sensibilidade...

Se penso em alguém que me esteja muito próximo, da alma, ou que muito junto de mim deva ser, vem esta expressão verbal, espontânea :

«No bem nos encontrámos e na desgraça juntámos sempre também as nossas mãos !»

A dôr e a desgraça — penso-o então de instinto

— fazem naturalmente que se inflore e exponha o que o ser de bem tem na sua alma...

Exalam os objectos a que longamente nos habituámos, e as árvores, as paisagens, e as grandes criações da arte e da natureza aroma espiritual que se confunde com o da nossa alma quando, enternecida, se inclina para o Bem.

E se em tudo isto penso, visionando, levantam-se muitas vezes diante de mim espectros humanos, de nós e das coisas — assim os vejo, das coisas! — o olhar doce, a fronte inclinada e discreta...

Assim, tudo isto está em mim, em nós, e deve imponderavelmente estar por toda a parte!

Como me impressionaria hoje a grande dôr, a desgraça, a catástrofe! Sentiria eu então do mesmo modo?

Mas lá volta aquele estribilho da alma, objectivando-se em um ser:

«No bem nos encontrámos e na desgraça juntámos sempre também as nossas mãos!»

O Desespêro, de cabelos roxos, desgrenhados, virá ainda—ou virá mais alguma vez—apertar, torcer em suas mãos o meu coração?

Poderá assim ser? Não o impedirá a serenidade,

êsse calmo alento que tenho procurado levantar habitualmente o meu peito?

Pois não temos o dever de nos reservarmos para o Bem, defendendo a nossa alma de todo o desânimo e desvario, de toda a grande perda para êle!

A Dôr discreta sim, essa figura de olhar comovido, fronte de reflexão, dedos transparentes... Oh! ela sim, a poderei acolher em meus braços e beijar em sua fronte!

Que esta página possa contribuir também a dar-me a serenidade, — a sempre repelir o Desespêro, de cabelos roxos e desgrenhados, quando êle pretenda vir, porventura...

E me ajude a seguir, continuamente, no caminho da consciência e da razão — o do bem dentro e fora de nós.

MOMENTO CELESTIAL

Acordamos às vezes de noite em um estado maravilhoso.

Acordamos com um pensamento, continuação de um sonho, e êle só. Nenhuma lembrança da situação presente, do passado e de tudo o mais. Aquele pensamento só, em restante e completa abstracção.

Se o pensamento é belo e nobre, muito nobre e belo, e assim me aconteceu esta noite, semelhante estado ou momento são de elevação, suavidade, encanto, a modo celestiais, etéreos.

Esta noite me succedeu que êsse pensamento eras tu, Muito Bondosa, Muito Virtuosa !

VIRTUDE

Dizia Montaigne ficar a Virtude mais alta que a Bondade e precisar ou exigir a parte adversa, a luta, o obstáculo...

Mas há tal virtude — comento singelamente — que, para se formar ou acrescentar, inventa a adversidade, e isto não é ou não devia dizer-se virtuoso.

LUXÚRIA

Aquela mulher, esponja de luxúria !

... Como se imerso em banho quente, imerso em deleite.

... Carícias, carinhos, fervores, doçuras, furores...

Todas as células palpitantes, todos os átomos estuantes.

Mas saio dali, dos braços de liame e setíneos, e — coisa maravilhosa ! — vejo-me, logo, só ocupado em pensamentos de generosidade, de sacrificio pessoal, de bem..., e tudo espontânea e claramente concretizo, objectivo e se me define.

E cumpro.

EXTREMIDADE DA VIDA

Quando o meu Egrégio Poeta dizia: «Io tenni li piedi in quella parte de la vita, di là da la quale non si puote ire più per intendimento di ritornare», e eu o relacionava com a «estremidade de la vita», aonde parecia então referir ter sido levado por um amigo—lugar em que estava Beatriz e o tomou funda comoção ansiosa, e ela e as «donne gentili» da afável companhia se riram dêle, — eu pensava:

Ainda não vejo e creio não poderei ver a *extremidade da vida*, da minha vida. E' sem termo o horizonte da minha alma. Tem uma ansiedade que nunca se satisfaz mas sempre lhe dá alegria.

Vai, minha alma, sem descanso, sem limite, pelo Bem !

MATERIALIDADE E IDEALIDADE

Aquele homem prático e material dizia-me coisas práticas e materiais. E chegou uma pobre criatura que nos pediu esmola; êle olhou-a friamente e eu, enternecido, dei-lhe esmola.

Pessoas, na grande praça, passavam, ou junto ou perto ou longe de nós, na sua labuta... E eu ouvia:

«A vida é agora; trata-se de ganhar dinheiro e gozar. O trabalho espiritual e a devoção e sacrifício pelos outros, tudo é engano, lôgro do próprio espírito. O nome acaba connosco; a glória, as honras póstumas, para que servem? Se também nem sequer perduram! Lutemos pela vida de hoje, a fruição de todos os gozos, honrarias brilhantes, fáceis domínios...»

Ele afastou-se depois, ruminando as suas ideias, e eu vim, sòzinho, a êste lugar poético, meditar.

Um grande pinheiro a breve distância, estrumei-
ra em sua sombra, um tentilhão ali depenicando,
saltitando. Oiço que ela lhe diz: — aproveita-me ! —
E êle: — assim faço, assim faço ! — E ela: — quero
transformar-me depressa em ti e no resto !

Penso :

Tudo vive uma hora pequena e, em seguida, es-
palha-se, dispersa-se, dissemina-se, confunde-se no
resto.

Sentimos melhor esta lei natural, a sua alegria,
entregando-nos, dispersando-nos, disseminando-nos,
hoje, desde já, em nossa integral consciência. Em
que nos pode ou nos deve importar o egoísmo? Como
é estreito ! Não esperemos que a natureza nos tome
o corpo exânime; entreguemos-lhe logo a alma, tor-
nando-a sua energia, seu elemento e fôrça !

E lembrando-me do homem prático e material
que me estivera falando, pensei também: — mais di-
toso seria para mim o momento de minha meditação,
do que, para êle, os seus de luta pelo gôzo e de gôzo.

MEDITAÇÃO

A êste lugar venho há bastante tempo, e sempre aqui o encanto das suaves tardes! Medito, penso, recordo-me dos antigos e actuais affectos. Estas recordações fazem bem, dão repouso à alma; êstes pensamentos são devaneio do espírito.

O ceu azul, os montes lá ao longe, o isolamento relativo do tumulto da cidade, as árvores perto, os verdes arbustos e, sobretudo, o desejo de sossêgo da alma, de contemplação, dão-me êstes instantes inefáveis.

Saíndo daqui, irei ver a affectuosa criatura, convalescente de grave doença, e levar-lhe hei no olhar,

no gesto, nas palavras de consôlo, um confôrto, doce carícia de que precisa. A' sua alma vou levar o bálsamo desta tarde em flor e da minha alma que sempre floresce!

E assim fecharei o ciclo dêste dia bom e amável.

DEUS

Mas, o que é Deus?

Oh! Deus é uma palavra de bondade e de perdão!

... O repouso eterno, a paz nesta mesma vida!
Uma palavra de bondade e de perdão...

PELAS CRIANÇAS

Naquele viveiro de plantas crescem os arbustos irregularmente: direitos, torcidos, elegantes, tortuosos, disformes...

Outono adiantado, hastes secas, folhas dispersas, perdidas. Para além dos trônculos, dos caules, das arborescências terminais, as montanhas do outro lado, longe, o ceu aqui azul, ali nimbado de flocos brancos. A tempestuosa noite purificou o ar, abeberou a terra.

Logo se me evocam as imagens humanas. Na cidade também — como naquele viveiro — os são e perfeitos e os contorcidos, desviados, mal lança-

dos... E as crianças, arbustos sempre gentis, mesmo doentes !

Oh ! que os pais tenham para elas, inesgotavelmente, a generosidade maternal das boas terras, e as defendam e tratem como às plantas os bons jardineiros ! E nós todos sejamos para elas como pais !

OS DIAS APÓS OS DIAS...

... E os anos após os anos teem passado.

Os seres que o seu e o meu seio criaram, a minha alma momento a momento foi acompanhando...

Assim, as alegrias mais fundas, os filhos que se vão educando e vão nobremente juvenescendo, além da obra mental que se vai construindo...

A passagem neste mundo ode, canto, hino, trânsito entre dois silêncios, o primeiro assim é ou nos parece, o segundo assim talvez se possa supor... Alvorada também, entre dois sonos, o primeiro ausência de luz e de consciência, o segundo assim ainda provavelmente...

Mas hino, ode ou canto e alvorada que no mundo e essência da vida deixam luz e som, — claridade,

harmonia, — que no bem que se fez e na beleza que se criou se demoram e perpetuam, através da obra e dos filhos e seguidores, em sua nobreza, e de sua descendência e continuidade espiritual...

Aspirei o aroma daquelas flores recedentes e, hoje, a fronte reclinio, agradecida, rendida de emoção, porque o destino parece tê-la bafejado carinhosamente.

... Daquelas flores recedentes — a beleza e o bem, pois com êstes nomes se exprime e exprimo o que de melhor pude apreender, o que a sensibilidade e a inteligência viram e distinguíram como o que lhes dava a réplica de que necessitavam.

Os dias após os dias, os anos após os anos teem passado...

AMOR POR TI

I

Tarde de outono, transparente.

Tu ias a meu lado e disseste-me as tuas penas. E, contudo, por essa confissão, alegria entrou em mim, profundamente. O teu coração, a tua alma, se bem que sofrendo, estavam livres! Eu seguia passo incerto, doce embriaguez, comoção subtil... Na rua os rostos que ia olhando, de relance, pareciam-me envoltos em atmosfera luminosa, de discreta suavidade. Tudo, em tórno, bênçãos, beijos de luz!

Amo-te, amo-te! queria eu te o dizer, seguramente, como o sentia, mas só pude, receando a tua sensibilidade, te o sugerir fugitivamente... Mas não acreditaste ou não compreendeste e disseste que não era verdade. Tiveste a palavra sêca; o gesto duro e me deixaste.

Afastei-me, a sombra no coração.

II

Amo-te, amo-te! crê no meu amor! Ele impregna-me, vivo nele, sou êle mesmo!

Ontem ainda, triste e sombrio te deixei. Segui como sombra por onde, no dia anterior, fluíra como luz.

Passei a noite insone, o pensamento em ti. Oh! é doce pensar em ti! Eu todo era êsse pensamento. Amo-te, amo-te! Sinto a necessidade de o dizer, de o murmurar, de o gritar. Amo-te!

Quando junto de ti, possui-me vontade impetuosa de me humilhar, ser pouco, ajoelhar, repousar a fronte, inclinada, nos teus joelhos, e assim permanecer muito tempo!

Tu me inspiras comovida, profunda piedade!

III

Hoje appareceste tarde. Julguei não virias. E eu me ausentava de mim, ali, para o lugar incerto em que deverias estar. Os meus gestos, embebidos de tua ausência, da incerteza de tua presença, ali, em alguma hora do dia, eram alheios à vontade e consciência; ou estas se haviam desprendido e ausentes eram também.

Mas tu appareceste! E logo compus o meu rosto e me vigiei, numa reserva calculada e simulada.

Tenho receio de te falar, de te ouvir, de destruir o meu sonho!

Tu assim o terias adivinhado e o quiseste contrariar, ou, talvez, ineptamente o não sentiste. Falaste alto, quási gritaste! Proferiste, agudamente, banalidades! Porque eram para mim palavras sem sentido, não respondiam ao meu pensamento, não conversavam com a minha alma.

Poderá isto ser — dêste modo?! Fico esperando por ti. E' impossivel que não pertençamos um ao

outro. Pertencer?! Digo mal. Olhar, ver, compreender, sentir! O sentimento de que nos amamos, a certeza de que nos amamos! Amor, simpatia, adoração, encantamento mútuo!

O que será de mim, o que será de nós?

IV

Hoje vi-te. Estavas doente e mais infeliz de tuas penas. Também de novo me as comunicaste.

Perguntei-te se nutrias por mim affecto, afeição. Disseste que sim — pois de contrário, disseste, não me confiarias as tuas penas.

Elas me provaram a tua coragem e firmeza de ânimo. Pois será verdade?! Será, como a tua alma, livre o teu corpo frágil?! E'-o, sem dúvida. O teu coração é a mesma, é a própria verdade. Mas, por tudo, serás vítima?

Vamos, que a minha afeição te ampare, te proteja. A teu lado serei, boa amiga, perfume suave, estrêla de bem! — a teu lado, perto de ti, junto de ti, contigo serei!

V

Hoje não vieste. Ficaste sem dúvida no leito, doente.

Como desejaria estar ao-pé de ti, para te envolver de carinhos, tão doces como os de mãe! Eu os teria em mim, para ti. Não há ternura que o meu coração não possa dedicar-te! Amo-te como a filha, parece-me, e todavia também, sem dúvida, de modo diferente. Não o chego a entender em mim mesmo. Esperança indefinível, ansiedade incoercível, aspiração infinda, inexprimível! O desejo inquieto de um bem permanente rodeando-te, haloescendo-te, afagando-te, tomando-te!

Queria, neste momento, estar ao-pé de ti, à cabeceira do teu leito, e repousasse a tua cabeça na minha mão. Dentro e em volta de mim sentiria, ressoando nas mais íntimas das minhas materiais fibras e nos mais espirituais elementos, a subtilíssima, dulcíssima sinfonia do bem, da alegria, da felicidade, impregnando, penetrando todas as coisas, imponderavelmente, e evoluando-se... E tu

dormirias, minha boa amiga, em quietude, em dulcitude, brandas, plenas...

Como te quero, como te amo! Palavras não há, palavras não exprimem! Quási só — Amor, Amor! — mas ainda são tão banais!

VI

O teu coração é a própria verdade, contudo, parece-me, agora mentiu. Fiquei conturbado, encostei a fronte às mãos e, o rosto sério, o pensamento abstracto, assim permaneci algum tempo.

Anoitecia rapidamente.

Levanta-te, meu coração, não deixes que a dôr te tome! Há muito já te fazem pulsar e te conduzem larga emoção de simpatia e êxtase e a alegria. Vamos, meu coração, há engano, iludes-te! O que antes julgavas, pois tão intensamente o julgavas, por isso mesmo não pode deixar de ser verdadeiro.

A vida me possui, inspira, consome e também intensifica. Uma grande necessidade, como ansiedade de amar... Tu cruzaste a minha passagem quando já a reflexão, no amor, em muito acompanha a emoção. Pude fazer-te bem, influir em teu espírito, criá-lo. Minha filha espiritual és bastante. Isto esquece, é susceptível de ser esquecido, por ti ou por mim, de desaparecer, de se anular ou nada ser?!

Não, não! Até por detrás de enganadoras apa-

rências, quando estas infelizmente sejam, há a confluência das almas, a sua união, fraternização, descendência, íntimas, necessárias, essenciais !

Passa-me pela mente a lembrança d'Aquelas que tenho amado. Só em uma, sem dúvida, o meu pensamento podia ou devia estar como pudera ou devera ser em ti. E recebi todavia, das mais também, o seu amor. Não há assim em ti, de me dares o teu amor, como que a obrigação natural, e não será pois essa uma tua função estrutural, imperativa, impositiva ?

Sei que me desregro, que me desvairo.

Perde-se-me agora o pensamento no vago. E' um instinto. Fico planando no Sonho. Não posso e não quero voltar à realidade.

Meu coração, meu coração, não te levantas senão perdendo-te na Altura !

VII

Dias de fria indiferença aparente. Como me é penoso tocar na tua mão secamente! Nela que profundamente sinto! E tudo é necessário! Que o meu amor não possa acrescentar a tua desventura!

Ao lugar em que justamente creias a tua felicidade, ali humildemente farei por conduzir-te pela mão. Só em teu bem posso usar da influência em ti do meu espírito. Por isso êste meu afastamento, esta penosa secura. Deverás ter assim liberdade maior. O amor chama, solicita, impõe. Do meu, que dêste modo não poderás ver, não receberás pois sugestão.

Oh! mas não tomes a minha frieza por despeito, vaidade, egoísmo...! Não, não é! Digo-o a mim mesmo como se estivesse falando contigo. Receio fazer-te mal, só quero o teu bem. Para mim todos sacrifícios, para ti todas venturas! Se até fôr necessário passares sôbre mim procurando a tua felicidade, verás a minha frente pousada no caminho...

VIII

Ambições de horas longas de delicada sensualidade, de carinhos os mais ternos e subtis, de meigasuras inconfundíveis...

De aspiração da tua alma pelos meus lábios, de confusão dos nossos desejos... Todo o prazer sonhado, todo o êxtase...

O tempo de nossa amizade, as solitudes afectuosas, o meu seguro e consciente cuidado...

Os anelos por ti e teu futuro, nascidos do affecto e que o aumentavam mais e mais, e eu pensara renovar sem termo...

Oh! tudo deixarei se esvaia, encubra, afogue e escureça pela poeira que levantem os teus pés!

E é sempre assim: não me conforto senão perturbando-me na vertigem da Altura!

ALGUMA COISA ME AFASTA...

I

Alguma coisa me afasta seguramente de ti e deve ter razão. E', sem dúvida, a fôrça discreta — no entanto imperiosa — das grandes verdades morais. Só assim, só assim !

Hoje, inconsciente no querer, sorri para ti. Mas tu ficaste impassível, pareceste não ver — ou não o quiseste ver—e trocaste com indiferença. A tua attitude me ensina o caminho do bem, certamente, e me o impõe. De ti não pode vir outra acção, espirito, influencia... A minha clarividência... ou cegueira assim o explicam.

Deves ser agente impiedoso do Bem. E, contudo, soffro. Este bem, êste dever consomem-me.

II

Noite branca.

Penso no que hei-de fazer. Penso em ti, de todos modos, vaga, concreta, límpida, confusamente. Atormento-me com êstes pensamentos.

O que desviará de mim o teu coração? Porque o não dizes?

Mentalmente ou decido ousadias para contigo ou me interrogo em turvo enleio.

Vou abrir-te os meus braços, apertar-te a mim doidamente, beijar-te...? Ou deverei ajoelhar, abraçar-me aos teus joelhos?

Vou exprimir-me como estou sentindo, com ímpeto, desvario, gritando-te, explicando-te o meu amor...? Ou murmurá-lo hei aos teus ouvidos, ou perto dos teus lábios, sôbre êles...?

Como responderás? Sem dúvida me não repeles e trocas beijo por beijo, efusão por efusão, ou receberás as minhas carícias intimidada, desfalecida dulcissimamente... Se me amas, assim farás. E se me não amas?

Oh! mas isto será verdade, será verdade?! E?

possível que assim seja?! E' nada o passado subtil?! O espírito não vence, não domina?! O espírito não impõe o amor?! Não me eras realmente a amiga da alma, eu vivia numa ilusão, sem luz verdadeira?!

Quero saber, quero saber! Não posso vencer-me mais tempo! Ainda se estivéssemos na amizade antiga, — calma e íntima, — porém nesta frieza, neste afastamento! Já não tenho coragem! Amanhã, logo, logo será!

Na noite insone parece-me varrer-me o espírito vento insano. Quero então pedir, ao instinto das horas dormidas, como tenho feito ás vezes—oh! bem me lembram êsses casos de Dôr!—a resolução clara e firme. E o sono me toma, pela sugestão dêste pensamento. Sem sonhos, pesado, semelhando aniquilado. E acordo depois como se não houvera dormido, a ideia formada, na continuidade, aliás antagónica, da outra ideia.

Continua como vais, como tens ido, diz-me lúcida, terminantemente, o instinto. Fala-lhe com a naturalidade da antiga amizade. Esconde-te, sofre, *não pervertas*.

Vai, segue, sem fraqueza e com alegria. Vai...

E' o teu caminho, a tua linha, o teu passado, o que tu és, o teu carácter próprio.

E eu vou, eu sigo; posso cambaleiar mas vou, posso sofrer mas irei, seguirei...

Eu vou, eu vou..., o meu instinto, a minha consciência nunca me enganam. Eu vou, eu vou!

III

Há muitos dias que não escrevo de ti. Quantas coisas passadas !

Voltei às expressões de delicada e natural amizade. Dominei-me, venci-me. Mas será realmente triunfo ?

Vê tu ! Parece que o amor na verdade foi passando... O império da vontade, da razão... ! Mas ficou ou entrou em mim turbacão latente, persistente, sem violência ; ansiedade que não se diferencia, homogênea, inominável, sem descrição ; e uma inquietação vaga...

Desejos de expansão, de derrames da alma, e ternuras,— sem objectivo, inconsistentes, impregnando porém e conturbando, emocionando, fervendo lenta e continuamente... Alegrias de mixtura com tristezas... A satisfação do dever cumprido e uma pena, no soma e na alma, nostálgica, saudável, insinuante... E, por vezes, quando no maior recolhimento, impulso, impulsão íntima... abortando em um soluço abortado.

No outro dia experimentei a necessidade de ver

as imagens de gratas recordações. Uma carta, um retrato, logo daquele modo me comoveram. Onda me tomou o peito, subiu em abalos à frente, aos olhos, e quebrou-se logo... friamente, friamente...

O império da vontade, o domínio da razão, da virtude!

IV

Ando mal, perturbado... Emoção jovem — extremamente! Volto, parece, aos vinte anos, êsse período crítico de formação do sentimento, do espírito...

Bastantes anos passaram sôbre êles; ideias e sentimentos modificaram-se, aperfeiçoaram-se, acrescentaram-se, enriqueceram-se. Principalmente o lar, a família e a obra científica, espiritual, foram meu enlêvo e ocupação. Amei, estremeci a família, iniciei a obra, lancei-a... E agora talvez porque bem lançada, e os filhos juvenescendo sem mácula, volto a fases de início, prè-construtivas. E' semelhante a turbidez, o impulso.

Esta noite, noite branca. E, de manhã, senti-me deprimido, hesitante, receoso... Temo o desvario. Estava melancólico e pensava no isolamento, na necessidade dêle. Vou isolar-me, entrar melhor em mim mesmo, vigiar-me. Deixarei vir a mim os factos, as coisas, *ela*, os seres. Não me precipitarei para êles.

A *sua* imagem no entanto ocupa-me. Oh! o que

é um intenso sentimento dominado, como se não aniquila e permanece em potencial, energia e acção, em outras e vagas intenções ! Como tudo isto se levanta no meu sangue !

Hoje vim a êste monte, êste coruto alto, senho-reador, em que na adolescência e mocidade passei longas horas meditando nos dias futuros, entrelaçando-lhes—aliás com o travo de tudo poder tornar-se vão—as esperanças mais belas. A meu lado está repousando, dormindo, meu filhito, que trouxe comigo.

O meu pensamento divaga no passado transcorrido e em tudo que me afecta —, e a *tú* também,— e escrevo estas linhas.

Quando me disponho a sair dali, pela tarde amena, sou outro, a ideia clara, a alma confortada, sossegada...

Vamos, dá-me a tua mão, que a cingirei fraternalmente, ou a tua fronte, que lhe darei um beijo de irmão !

Dá-me a tua fronte: dar-lhe hei um beijo de irmão.

SUSPENSO DA MÃO DO DESTINO

Ando suspenso da mão do Destino.

Ele me pode largar e eu caio, no abismo mais fundo, mais negro...

Ele me pode suster, dar-me alento, e eu salvo-me, êste mundo feito ceu, esta vida tornada, continuada a melhor...

CAIDO DA MÃO DO DESTINO

I

A Filha caríssima desfaleceu, faleceu, morreu.
Consumou-se a tragédia infanda. A Filha caríssima desfaleceu, faleceu, morreu !

O Destino me largou da sua mão e eu caí no abismo mais negro, mais fundo.

O meu coração não se revolta mas está espantado, apavorado.

A Providência, para ser mais justa, precisava naturalmente de absorver a sua alma na sua lei.

O meu coração não se resigna, também ; vive ou sobrevive, apenas.

Sobrevive às esperanças mais rútilas — como se a morte começasse e fôssemos aos poucos, eu e êle, morrendo, morrendo...

Deus, para ser mais magnânimo, necessitava da serenidade da sua alma e a arrebatou, por isso.

O Destino, a Providência, Deus — abismo, abismos misteriosos, claridades e fulgores para uns, para mim turvação negra, indefinida.

Acrescentou-se uma estrêla no ceu, como se diz vulgarmente, mas em mim, em minha alma, um vazio sem descrição.

Quero fugir, quero chorar. Para me consolar? Viver, sobreviver, inconsolável, inconsolado, eis o meu mistér.

Quero lembrar-te dia a dia, hora a hora; fazer-te reviver, sobreviver em mim, já que o não podes em teu corpo e alma individual, tão formosos, tão nobres, tão belos!

II

Sinto uma dôr, uma opressão enorme nesta alma, neste coração, minha Filha !

Culpo-me de todos os males para contigo. Eu devia ter-te vigiado melhor, em tua saúde, em tua vida. Devia ter-te acompanhado mais, ter-te conhecido melhor.

Choro convulsamente sôbre os teus papeis, escritos, que deixaste, — as tuas impressões íntimas.

Minha Filha, doce e querida, que a tua alma me acompanhe, me proteja em minha dôr, me suavize o tão áspero caminho de amargura !

Agora todo eu absorvido em ti, em tua lembrança, mas precisarei voltar ao trabalho exterior, ao esforço habitual, pelos nossos, minha Filha !

Peço-te então, rogo-te, que a tua alma me envolva em seus braços, que tu me envolvas em teus braços e me digas: — pai, continua, trabalha, faze como dantes, segue em teu esforço. Pai, continua, trabalha, embora pensando em mim, pois sei não poderás deixar de o fazer. Pai, continua, trabalha ! Pai, trabalha !

III

Não há dôr maior, desolação da alma que mais profunda seja. Tanto, tanto que todas as palavras me parecem diminutas, inadequadas, inaptas, alteradoras do sentimento.

IV

Minha Filha perdoa-me, perdoa a teu pobre pai !
— se te não viu como devia ver, se não te tratou
como devia tratar, se não te guiou como devia guiar.

Perdoa-lhe porque ardeu sempre na mais extrema afeição por ti, porque viveu sempre na admiração das tuas qualidades, no respeito dos teus sentimentos !

Minha Filha, perdoa-lhe e protege-o, protege-o de si mesmo, de suas amargas censuras a êle próprio ! Protege-o nesta situação em que se encontra !

Só a tua alma lhe pode dar alento e impulso. Minha Filha, protege-o e dize-lhe:—meu pai, continua em tua vida, persiste, insiste, trabalha ! Trabalha, meu pai !

Repouso a fronte na tua urna, beijo-a.

Minha Filha, santa Filha, protege-me !

V

Como aquella casinha branca, humílisma, sem janelas, no vale ermo, assim está a minha alma.

Despenham-se as torrentes e alagam-na, acossa-a a tempestade, o sol ardente queima-a, a neve rege-la-a, e ela, não obstante, vai ficando, e humílisma resistindo, no vale ermo...

As nuvens vão correndo por debaixo da lua, outras vezes a face do astro descobre-se e ilumina; isto hoje, amanhã, e pelos anos, para cada um de nós; e a casinha, sem mais nem menos, ou só mais velha, no vale ermo...

Todo trabalho me parece inútil, todo esforço vão. Lembrando-me — e como deixar de o fazer, sempre, sempre?! — de tua imagem, de tua presença física, e de tua alma e fragrância moral, tudo — neste mundo e vida em que estou — me parece vão, insano, mesquinho.

... E pensar nisso, nesse *tudo*, e desejá-lo, — qualquer esforço, trabalho ou acção, e a própria existência, — parece-me injúria à tua lembrança, afronta à tua memória.

A vida, estragada ! A ela já não pertenço. Estas coisas sucedem ? ! Podem suceder estas coisas e a alma de um pai ficar desamparada, em desolação sem termo ou limite, sem nenhuma luz — escura, escura ! — dôr sem mescla, sem liga, sem pontos de referência nem de apoio, desalento emfim em que desejaria consumir-se, juntando-se à tua, perdidas as duas no Esquecimento, na Desolação sem fim, sem termo, também, das coisas, e parte dela, e dela até totalmente ? !

Palavras, palavras, tudo !

Queremos dizer, queremos chorar, e lamentos minúsculos nos escapam, máscara, expressão risível ainda da nossa emoção, do nosso sentimento !

Nunca mais, nunca mais ! Perdição de mim para sempre, dos meus afagos, da minha ternura ! Nunca mais, nunca mais !

VI

Estou resignado, meu Deus !

A minha alma está prostrada, rendida. Estou vencido, se acaso há luta entre Deus e aquele que não sabe crer.

Nunca blasfemei e nunca também vituperei as altas crenças dos mais.

Mas seria possível, se há Deus, se Deus fôsse, tão grande injustiça, crueldade tão soberana ?

Estou resignado ?

Esta palavra não impõe, em casos tais, o vocativo de Deus ?

Há Deus porém, Deus é, Deus existe ?

VII

Crer ou não crer, estar ou não resignado... O meu espírito cheio de confusão.

Procuro reflectir, discriminar :

Deus, sendo, pode a sua moral ser incompreensível para nós?

Arrebatat da existência, da nossa existência, uma alma que a podia fazer mais bela e melhor, que podia, com a sua presença, a sua acção, a sua influência, fazer bem a *isto*, — podemos-lo sentir como acto de Deus, pois que não vemos a sua justiça em relação a nós e àquela alma?

Não parece antes, ao nosso entendimento, o resultado indifferente da acção de forças indifferentes — resultado, por acidente, cruel para nós? Resultado cego de cego determinismo — por acidente, duro e cruel para nós? Não o parece?

VIII

Este despenhar de esperanças, êste derrocar de sonhos, de ambições nobilíssimas, de ilusões dulcíssimas, são dôr sangrenta na alma, com o sentimento de que é insanável.

Sonhos, ambições, esperanças, ilusões de tantos anos—de muito antes de tua mesma vida, minha Filha! pois a tua alma continha também as aspirações anteriores de paternidade, as minhas, com todas as suas fervorosas ansiedades, — como se perderam para sempre, para sempre!

... E nutridos dia a dia, hora a hora, e constantemente enriquecidos porque a tua alma muito bem o justificava!

Oh! como é possível êste acabar, sobrevivendo eu, com o sentimento ainda de que tudo, a obra que ia fazendo, o trabalho, a iniciativa, a criação espiritual, são agora nada, coisas de nada, em relação com a tua alma, desaparecida! a tua energia moral, o teu carácter de Santa, o teu espírito de anjo, e até

o teu corpo de gracilidade nobre, a tua fronte forte,
os teus olhos de um azul de pureza...?!

Tudo tão pouco, tão nada, em respeito à grandeza e nobreza para sempre perdidas !

Pode-se viver, sobreviver assim, dêste modo?

IX

Uma criancinha de colo, bem arranjadinha, levada por sua mãe...

Logo te vejo, minha Filha, pela mesma idade. Em tudo vejo os teus gestos e modos, a tua disposição em relação às coisas, como que o teu pensamento corporizado. As coisas assim me chegam através de ti, tu transparente e dando-me, representando-me essas coisas, tudo.

Vou à tua cama, ao teu leito ainda armado, e aí me ajoelho e fico momentos a cabeça apoiada nele. Beijo-o e beijo o ar no lugar em que estaria a tua face, em que esteve o teu rosto. Levanto-me e assim como te beijava, ao tempo de tua doença, em cada lado da face e, depois, ternamente, também no colo — na delicada garganta, — assim faço onde os tinhas, sentada na cama, com os mesmos gestos e movimentos que então fazia, e murmuro baixinho as palavras usuais: — filha, filha querida, filhinha querida !

Vou à noite ao lugar de onde avisto a casinha solitária no vale ermo, e aí, alguns instantes, parece-me ver a tua presença, senti-la, e que ela está

mesmo junto de mim, e, suavemente, abro os braços, para diante, para os lados, e logo os vou juntando, abraçando-a, cinjindo-a — a tua presença fluida e subtil — carinhosamente.

A um extranho que me visse, louco poderia parecer. Mas tudo é bem natural.

X

Aqui venho pedir o reconfôrto das horas de calma e solidão. Aqui, tantas vezes, recordando o passado, analisando o presente, dispondo-me para o futuro, procurei aliás sossêgo, soledade, consôlo.

Oh! agora é como nunca fôra e como não mais poderá ser: a dôr e a desolação! Oh! agora é como nunca foi e também nunca pudera ter sido! Sem ti, o maior Sonho, a obra melhor e mais bela!

Os montes lá ao longe em que repousavam os meus olhos e, assim, o coração e o espírito se me acalmavam, hoje, no dia pardacento, consolam-me com a sua bênção, como se a sentisse, que vem na atmosfera pesada e quente.

Aqui também tantas vezes vinha a Filha adorada! Este ambiente tem a irradiação do seu espírito de gentileza; êle aqui continua vivendo e, agora, envolve-me, toma-me.

Parece-me estar a ver-te, minha Filha, ali, junto daquela árvore, brincando ainda pequenita, pelos três e quatro anos. E depois, acolá, pelos sete, indo ver curiosa uma flor e interrogando-me com o olhar,

no receio e desejo de a colher. E, mais tarde, sentada neste banco, a meu lado, os dois falando, na intimidade, todavia tu com calor e discreção, assim ao mesmo tempo tão próprios da tua alma!

Perdida a mais pura das felicidades!

As manhãs, minha Filha, vendo as tuas coisas, cartas, pequenos escritos, o que te pertenceu enfim, choro e digo para mim mesmo:—louco, louco, ainda tens possibilidade de continuar! Um espírito bom, de pai, não é assim, não faz isto! Esse espírito bom, são e generoso sai também de onde Ela saiu!

Outros laços me prendem, aqueles criados pelos seres que tu também amaste. Perdoa, perdoa, tenho de estar, por êles!

Olha: vem o sol a querer desfazer o acinzentado do ceu, a romper, a dispersar... Vem o sol...

Minha Filha, minha Filha, o meu espirito está ainda cheio de confusão. Procuro, procuro-me e encontro retalhos dispersos da minha pobre alma. Esta velha pecha de escrever tenta salvar-me, numa ilusão, e eu, sabendo-o, deixo-me ir contudo nesta ilusão.

Os montes, ao longe, me sossegam. Efeito do hábito em que sobretudo tu estás, minha Filha, porque bem presente aqui te vejo, o espírito destas coisas,

de todo êste espaço estava em ti, e o teu aqui ficou, em tudo, perfeitamente.

Que a minha pobre alma ajoelhe. E's tu que estás aqui, és tu, filhinha, eu bem o vejo !

O meu espírito está ainda cheio de confusão.

Minha Filha, dá-me serenidade e perdoa-me dela, perdoa-me que eu te a peça. Sem o teu consentimento, sem que tu mesma me a dês, ela será vergonha para a minha alma.

Dá-me pois serenidade, Filha boa e santa, dá-me serenidade !

XI

Quando a minha atenção não é solicitada por este, por aquê, por esta coisa, aquela coisa, da existência diária (e necessária), logo me invadem os meus tão tristes pensamentos.

A tua lembrança, Filha caríssima, ocupa-me o espírito, em comovida melancolia, em desalento sombrio.

E o que penso? Oh! tantas vezes, que desejaria, no isolamento da terra, — na montanha, na floresta, na serra ínvia, — junto à urna que conteem os teus sagrados restos, ir desfolhando a minha vida, esquecido de todas alegrias e ambições, na total renúncia, até que a morte me levasse também!

... E que os nossos restos depois se confundissem e tudo e nada fôsem juntos, pelos tempos e os tempos.

XII

E vou, como se tu fosses a meu lado, como ias dantes, por êstes atalhos no monte, recordando tantos e tantos dos nossos passeios, pelos arrabaldes da tua cidade onde nasceste e muito amavas.

De um dêsses caminhos na encosta, avisto a montanha do outro lado, arborizada, na qual também repousavas os teus olhos e da qual a tua alma poética podia colher e colhia alguns dos seus enternecidos e suaves acordes, que nela se uniam melodiosamente e assim transpiravam... Oh! doce alma, tu vives por aqui, povoas êstes declives e os campos lá em baixo, e em sua exalação de aromas, em suas aragens e brisas, no calor do ar e da terra, sinto-te profundamente!

Percorro os caminhos que mais habitualmente percorríamos juntos e repouso nos lugares em que mais comummente repousávamos, ou silenciosos ou conversando. Eu entregue então muitas vezes, se silencioso, a tantos sonhos de ambição por ti, tu, também, meditando, sonhando... Em quê? Em tua própria vida que não suspeitarias tão curta, em tuas

afeições, em teus desejos de felicidade, em tuas imagens de poesia — emfim quimeras, surtos da alma ! Ou já terias o pressentimento, obscuro, da brevidade de tua vida tão bela ?

Os teus olhos azuis, estranhos, não pareciam às vezes dêste mundo, tão profunda, peregrina, impressionante, comovedora, insinuante era a sua luz interior !

Quando puerescente e depois maiorzinha já eras assim. Havia em ti *alguma coisa*. Quem tinha um tudo-nada de temperamento, ao-pé de ti, recebendo o teu olhar ou falando contigo, sentia que eras *alguém*, Alguém. O ser de scepticismo, — até o de ar-rôjo não quebrado por alta cultura e lucidez, — ao-pé de ti sustava, por instinto, a expressão de sua descrença, de sua acrimónia, e olhava-te com seriedade. Vi isto.

Por instinto, de quê ? Da tua convicção, minha Filha, da inatacável delicadeza de teus sentimentos e da tua organização perfeitíssima de beleza moral.

As oliveiras verdes-pardas mal balançam impedidas pela arajem. Aquele canavial, na ribeira, lá ao fundo, entre colinas, parece ocultar segredos de vidas discretas, misteriosas. Aquelas espessuras de

arbustos, de mato com rosmaninho, de jóvens e indisciplinados carvalhos, dão a sua sombra e regaço — nas pequenas clareiras de solo chão — onde muitas vezes descançámos, prestando o ouvido, recolhidos em nós mesmos, ao ciciar do folheto, murmúrio grande, sinfónico, que tantas vezes comunga com os cantos da nossa alma.

Uma e outra vez oiço vozes, afastadas, de gente, grupos que, saídos da cidade, vieram rejuvenescer buliçosamente nos campos...

XIII

A sombra vai lentamente invadindo o terreno. Esta minha alma, sempre igual a si mesma, à qual a vida, o mundo, mal trouxeram modificação, amiga de intimidade, de confidência e de um certo isolamento, vai sempre para ti, cheia de tua fragrância, como esta atmosfera do aroma do rosmaninho.

Com êste pensamento — o teu ou em ti, — toda a natureza que avisto: as árvores, o mato, o vale, a luz do sol projectada, a sombra deitada espreguiçadamente, os cabeços, a montanha, o ceu azul—como os teus olhos;—e aquela que sei ou imagino para lá da que estou vendo, ouvindo, palpando, sentindo directamente, parecem-me a tua própria alma, intensa, derramada por elas e a sua mesma e comovente expressão.

E envolvido, tomado pelo seu perfume, pelo ambiente que ela me dá e que me contém, respirando-o, absorvendo-o, assimilando-o, transpirando-o, sinto-me tua forma, teu modo.

Oh! minha Filha, e isto não obsta a que, quando só, tantas vezes chore pela ausência de tua gentil

presença — em corpo, — chore soluçando, gemendo, uivando, sim, uivando como um pobre cão castigado, temeroso, sem dono, doloroso !

Ouve-se a cigarra num rilho pertinaz, mas tão insolente, petulante, gritante que o termo ainda não exprime, — lançando o alarme entre as oliveiras já um pouco menos batidas do sol. Quedo-me a scismar nesse ímpeto, impudência, no sossêgo em volta. Mas, reparo, aves pequeninas chirlam à compita, e êsse chirlo levantou-se, pelo menos parece-me, bruscamente.

... Eu também não esperava a tua morte, na juventude, Filha santa, na adolescência, e deixar tão cedo de ouvir a tua voz ! Hoje oiço-a na música das esferas, no falar da natureza. Oh ! oiço-a, assim, e para sempre, sempre, já de outro modo não poderei ouvi-la ! Que digo ? ! Oiço-a também nas galerias da minha alma, no íntimo do meu ser, ressoando enternecidamente com as próprias e suaves entoações : — meu pai, meu pai !

XIV

Quando começo e quando acabo o dia, são duas horas más — ou boas, não sei. Quedo-me então a olhar, para todos os lados, se de manhã sem poder principiar trabalho, cheio de desalento, de saudade, se de tarde querendo envolver-me de penumbra, com a minha alma, e nela ficar, ficar...

XV

Palavras íntimas deixaste escritas que só agora conheço e me fazem entrar, algumas, em conturbação indizível.

Pois tu pudeste crer, Filha adorada, de mim para Ti, alguma vez, em sentimento menos suave, em gesto que de duro não tivesse apenas senão a levíssima e bem enganadora aparência?! Como podia ser isto de mim para Ti, alguma vez, de mim para Ti, sendo tu o meu constante e mais alto pensamento, o meu orgulho, o meu único triunfo?! Pois não sentias logo, em mim por Ti, um sentimento de comovida admiração e, no gesto, mesmo porventura vislumbrando menor suavidade, a ternura infinita do meu coração por Ti?!

A' minha amargura o travo de outra especial amargura se acrescenta. Tivesse-o eu adivinhado, previsto! Oh! como te diria, te explicaria o teu engano, a tua ilusão penosa! Hoje resta-me transportar a minha alma para ao-pé da tua, onde a tua alma me sinta, onde me veja, e dizer-te: — Filha, filha santa, adorada filha, não tive maior sentimento que

o da tua vida, o do teu pensamento, o da tua alma ...; assim, pois, não creias senão em que os meus gestos que te pareceram duros, o meu silêncio que dizias de gêlo—(para Ti!)—eram só a expressão medrosa, indecisa, ou imóvel, parada, perturbada, tímida — (por Ti, por Ti!)—da ternura mais intensa, da afeição mais nobre, do sentimento mais elevado, do pensamento sempre residente de orgulho, — por Ti, por Ti!

XVI

Mas hoje também — dia de chuva, de penumbra, — li palavras tuas de satisfação e, para teu pai, de justiça, e enorme comoção me fez logo chorar, cair com a cabeça sôbre os meus braços cruzados, nesta mesa, que dantes era de trabalho e alegria, e hoje é de dôr, — e ainda chorar, chorar, soluçar, gemer !

Cada dia que passa acede saüdade e dôr a esta saüdade, a esta agonia. E' possível, era possível ? ! A êste sentimento da tua falta, da tua perda, de que já não és, já não vives, e tudo por aí vive, está, raros merecendo-o como tu, — se a vida é um valor, — como tu, tão digna de viver, tão apta a dispensar benefícios e contentamentos, o bem e a beleza !

Tudo recai sôbre mim, sôbre a minha alma. Não tenho lenitivos, não há consolação. A resignação ? Mas ela é, para mim, uma palavra isolada, sem vocativo. Resignar-me—em relação a quê, em presença de quê, de quem ?

Eu não posso dizer, como tantos e tantos:—resigno-me, oh meu Deus ! por Ti, que me trazes êste infortúnio, que me o trazes pela tua suprema vanta-

de e inteligência, e pela tua divina graça, para meu maior bem!

Eu não posso dizer isto, eu não sinto, eu não tenho Deus.

Tudo cai sobre esta pobre alma, em amargura e desalento que esmagam e são imponderáveis, não teem definição nem expressão, nem referências, não se medem, não se escalonam: dôr no vazio, angústia sem amparos.

Porque, em verdade, — isto é verdade, — eu não tenho Deus. Vivo sem um apoio para além do que o restrito pensamento humano me pode dar; vivo com os humanos, ao lado e em frente dêles, olhando-os, nesta coisa tão pequena, tão estreita em que vivemos! Hoje é que reparo bem nisto. Parecia que a tua presença, minha Filha, me fazia olhar para o alto, por cima das suas cabeças. Hoje encontro logo a sua pupila, inerte e fria.

... Esta viagem de naufrágio, com a certeza de sem pôrto...

XVII

Que a tua alma, a tua recordação, o espírito-
alado do teu ser, me dêem a convicção e a fé, para vi-
ver e trabalhar, continuar vivendo e trabalhando...

... Que eles me dêem a convicção e a fé!

XVIII

Vou passando, levado por um querer em parte instintivo, na alameda de um jardim onde tu brincaste uma vez na pequena infância, e caíste contundendo fortemente o bracinho. Levei-te então ao colo, aflito, para casa.

Vou passando por aqui, quási todos os dias, agora, nesse impulso subconsciente e necessário... E olho, religiosamente comovido, o solo que vou pisando, e todo o meu espírito está em tua lembrança, como se em tua própria presença — na pequena infância...

Depois, pensando sempre em ti, concretiza-se-me esta ideia: — como a tua morte me parece atrair-me para a morte, para um além, êsse onde tu estás, que te tomou e absorveu!

Cheio de alegria de viver, de produzir, de criar, — assim era, — olho hoje contudo naturalmente, sem esforço, sem resistência interior, a ideia de desaparecimento daqui, da ausência de mim disto, d'Isto!

Confundidos lá — parece-me ser o meu destino natural.

Agora, parado, estive a escrever estas linhas. E sigo, para a vida do momento instante, a alma ausente de mim.

XIX

Então nunca mais, nunca mais, verdadeiramente?! Ela assim desapareceu, se separou, foi separada, de todo e para sempre, da minha companhia, da minha ternura e carícias, do meu affecto e admiração por ela, da minha contemplação da sua vida gentil e tão nobre?! Ela assim foi separada, verdadeiramente?!

Isto me pergunto, a alma absurda, e encontro-me sempre, naturalmente, com a crudelíssima verdade. — Nunca mais, nunca mais!

Vem, alma gentil, dá-me ânimo, dá-me coragem. Vem, alma gentil!

Será o momento de poder sentir e dizer — como ainda o não pude? :

Curvo a cabeça, que tu a abençoes! e assim, não propriamente resignado, mas vencido e compenetrado de que em vida a tua separação, a da tua presença, de mim e dêste mundo, é certa e eterna, que eu te faça viver na memória de todos!

Dá-me convicção — santa Filha! Dá-me convi-

ção, renova-me a convicção do Bem, da Beleza, da Justiça, do Amor !

Curvo a cabeça, ajoelho como se presente estivesse—perante a tua alma, a tua lembrança, a tua memória — e, estendendo as mãos em prece, digo, digo-te :

Sim, vou trabalhar, continuar, agora sobretudo por ti, minha inspiração, meu alento ! Que o sejas, inspiração e alento da alma e da vida, que o sejas, que o sejas !

Vou trabalhar, continuar, levando sempre, na minha alma, a tua recordação, o teu génio de elevação, de bondade, de inteligência, de calma, de reflexão. Vou trabalhar, continuar...

Lágrimas ?

Sim, quantas e quantas, a sós, tenho chorado e irei chorando !

Soluços ?

Sim, quantos e quantos gemerei e reprimirei a sós !

Veem êles a um sinal, lágrimas e soluços, a uma lembrança de ti, veem, veem, o rosto se me transforma todo, e, depois, uma calma soturna, a sós.

Mas o mundo não verá isto. Por ti e para ti são só e por ti agora será, naturalmente, o meu esfôr-

ço, a acção, o bem que possa fazer, a justiça que possa dispensar, a verdade que possa descobrir, a beleza que possa criar.

Tudo isto vou cumprir e, todavia, no fundo, o ímpeto, o desejo, — ainda, ainda ! — de desaparecer ou de me anular, aqui, seguindo já o teu próprio destino, acompanhando-te no não-ser ou no eterno-ser...

Sim, vou trabalhar, continuar, no caminho do Bem, do Belo...

Tudo será por ti, minha Filha. Quando vires o riso nos meus lábios, bem podes dizer : — o meu pobre pai faz nascer em si, da sua dôr, o riso... Quando vires o acto bom, meu, por exemplo, uma obra que produza, logo podes dizer : — o meu pobre pai tem a coragem, a convicção, que lhe inspirei, de fazer nascer de sua dôr, de sua desolação, da angústia que nele deixei por minha morte, — tem a coragem, a convicção de fazer nascer — flores, flores, flores, flores !

Daqui, de longe, de perto, — dirás ainda, — as aspiro, e o mundo, lá, as aspira, e os dois nos regosijamos. Pobre meu pai, meu pobre pai, como tu recebeste bem o meu sôpro, o meu alento, a minha inspiração, e como a minha vontade se faz sempre a tua própria vontade !

E quando tu vires, minha Filha, que o meu pensamento vai para ti, — vai a cada momento! — bem podes dizer: — o meu pobre pai, apesar de tudo, da sua alma tão ocupada, tão cheia, tão obnubilada, tão atribulada, nunca se separa em pensamento de mim, desta sua filha que dêle teve de se separar, e assim, coitado, pobre meu pai! me quer ter como se juntos estivéssemos sempre, e me quer perpetuar em espírito, em alma, pelo tempo em que o seu próprio espírito e a sua alma se perpetuem, e do mesmo modo!

Sim, minha santa Filha, vou trabalhar, continuar, como tu dizes — sim, és tu que o dizes! — pelo Bem, as nossas almas ligadas para sempre, uma alma só, meu alento, inspiração, dôr, alegria, amor, angústia, contentamento, desolação, o próprio espírito do Bem! Sim, sempre e para sempre!

Curvo a cabeça. Oh! vamos, tu junto de mim, sempre e para sempre, pelo Bem!

CONTINUANDO...

I

Tão levado sou a pensar nos carinhos de que a cerquei, toda a sua vida, quanto também voz interior sumária e continuamente me acusa de lhe ter faltado com as mais inteligentes e convenientes.

Não, minha Filha, eu não tinha um gesto que não fôsse para ti, uma palavra que não fôsse para ti, e eu próprio, desde o teu nascimento, não era realmente senão tu mesma... Eu bem o sinto agora.

II

«In la Sua vontade è nostra pace».

Não, meu Egrégio Poeta! não o posso sentir assim, e, contudo, perante o verso teu, atravessando a minha angústia, uma arajem de brandura, de dulcitude, de subtil conforção...

«Mais perto de Ti, meu Deus!»

Oh! não, não, mais perto não, nem mais longe... Não sei o que isto é, não sei bem o que significa êsse Nome... E, todavia, a mão que me aperta o coração e o torce parece abrandar, devagar, devagar, de mansinho, de mansinho...

III

Eu ia na estrada da vida, a Filha querida a meu lado. E ela ficou-me nela, na idade adolescente, levando consigo, na morte, os seus encantos espirituais.

Ela ficou-me nela, e eu, não obstante, vou andando, o sentimento do dever para com todos, a alma contrita... Mas ainda e sempre será na convicção e no desejo do Bem.

No sítio ermo da estrada onde o meu pensamento voltará em todos os momentos, legenda dirá, talvez pelos tempos:

—Filha santa, o teu pai pensa em ti, a tua alma o acompanha e nele viverá, formando com a sua uma alma só!

CUMPRIR...

«E, por isso, sempre desligado, desinteressado, cumpre o que devias cumprir, realiza a tua obra, porque, efectuando-a com abnegação, o homem atinge o fim supremo.»

Este conselho, de Krishna, satisfaz a minha alma.

LITERATURA

A minha velha pecha de escrever... O meu velho hábito de procurar o ritmo das ideias e de sua expressão verbal...

Teem-me sido distracção e espécie de amparo.

A inspiração de leituras próximas e mais antigas, ao pensamento me teem acudido, nestes últimos tempos, espontaneamente (pelo velho hábito...) imagens diversas, ideias, coisas, radiculando-se na própria vida mas parecendo intempestivas e desencontradas, assim:

Levantei o veu de Isis — um pouco, só, talvez — e sombras vi movendo-se, misteriosas...

Latindo ficou, pois, Hécuba...

«Invisível, inefável, imutável»...

Levantei o veu de Isis: — Amor.

Hirta, sólida, pétrea, na montanha, chorando,
Níobe...

Foi Orfeu aos infernos buscar Euridice e aos infernos foi também Deméter por Perséfone...

Levantei o veu de Isis: — Dôr — Dôr...

Pudesse eu, como para o alegre Lemnikäinen, o belo Kaukomieli, a sua mãe, ir buscar-te à morte!

Iaginadata e uma teoria de grandiosas desventuras...

Levantei o veu de Isis: — Morte.

Levantei o veu de Isis — um pouco, só, talvez — e sombras vi movendo-se, misteriosas...

UM MOMENTO !

... E se a tua alma, minha Filha, pode ser impedida de subir mais depressa às regiões superiores, — como querem os teósofos dizendo do *astral* e do caminho sucessivamente luminoso das almas, — pela minha dolorosa e permanente saúdade, pela ansiedade do meu pensamento em ti, então me encherei de serenidade doce e inatacável, pensarei em ti só suavemente, inefávelmente, para que subas sem nenhuma peias, nem embaraços, às regiões sempre mais imateriais, espirituais e sublimes do Além...!

Mas, faz-me sinal, minha Filha, diz-me que isto é assim. Um sinal, um gesto dos teus longos e belos dedos, uma expressão do teu olhar de inteligência e rectidão, que vejo sempre. Um só momento, minha Filha — se há momentos na Eternidade !

RAZÃO HUMANA

I

Já se distinguíu, na resignação, uma muito alta, esperança, energia, serenidade, posse, aspiração, outra passividade, desânimo, tristeza, pesar.

Nesta diferença há, parece-me, a subtileza de quem ou ainda não experimentou as dôres maiores ou, para cima das dôres máximas que espere ou ache possível experimentar, tenha móbil ou crença superior.

Não sendo assim, nelas se está, naturalmente, em sombria confusão do espírito, na aceitação da desgraça porque se a não pode repelir, ela é, absolu-

tamente, sem compensação, sem remissão, sem resgate, sem libertação.

Mas é o homem que cria, para se salvar a si próprio, êsse móbil ou crença superior, quasi sempre a vida actual e seqüente em Ambiente de essência comprehensiva e atenta, Deus regendo moralmente o mundo, a nossa continuidade com o seu Espírito, a nossa vida e sobrevida n'Ele.

Para se salvar se a desgraça bate com a sua asa na sua fronte de terra, mas, se vive feliz, para ainda mais se deleitar.

E dessas suas criações, como de realidades, não propriamente provadas mas certas, recebe então o influxo, o espírito, a vida, a esperança, o sentido de resignação, o almo contentamento, a promessa de eternidade.

II

Tem-se designado, de há muito, na minha alma um caminho, a prossecução num caminho: o de cumprir bem a vida humana até o ponto mais alto em que consigo compreendê-la.

Para aqui não há nem deixa de haver resignação, que só tem maior sentido perante o consenso e a atenção de um Espírito atento e senhor. Para aqui há o desejo e determinação de fazer o que a consciência das nossas relações com os outros seres e acção no mundo, e dos deveres para com o nosso próprio espírito, dita como bom e necessário.

Há Deus, não há Deus? Tem um sentido moral, segundo o que mais altamente entendemos por moral? Só se pode revelar àqueles em estado de graça?

Não creio, realmente, nem descreio. Não sei o suficiente para me dispôr a uma ou outra coisa.

E desde que, por outro lado, me falta o vôo, o surto, o arrebatamento para Ele, limito-me ao que sou capaz, a sentir moralmente a vida humana, abstraíndo de crença para a qual me falta ao mesmo tempo o móbil e o impulso.

Mas isto não é dizer que não penso na possibilidade de um Ser, de uma Entidade de tudo criadora.

Mas que faz que àlém d'Ela ou ao lado d'Ela, que não se nos quiere impôr e não nos quiere obrigar, pois não nos denuncia as suas vistas, vivamos com a moral que pudemos criar sem a sua sensível interferência?

III

Em meu espírito não há pois revolta como não há resignação, nem pròpriamente descrença. Há o sentido da Razão puramente humana, sem vôos de infinito para Deus, com a convicção não já do nosso orgulho—que alguns diriam legítimo orgulho,—nem da nossa humildade — que também se diria razoável e justa humildade,—mas de um sentimento natural de nós próprios, sem nenhum orgulho e sem nenhuma preocupada humildade.

Mas o meu pensamento, com esta serenidade, esta relativa serenidade,— a minha alma inquieta e perturbada tem sempre procurado a serenidade, tem tido sempre o anseio dela, mas hoje lhe parece estar, como nunca, perturbada e inquieta, — o meu pensamento, digo, vai ainda para ti, minha Filha, e irá constantemente.

A formosura da tua alma, que impregna o meu ambiente e acrescenta talvez (não sei, não sei!) à serenidade que a experiência, a dôr e a razão me tem trazido, deve ter-se espalhado por toda a parte

e ter atingido até essa possível Entidade Superior ou Suprema — não digo acolhendo-se, e a própria alma sossegando e recebendo conforto em seu seio, no sentido religioso, mas levando ao seu Espírito o conhecimento de mais essa grande experiência moral humana, pois assim foi a tua vida e a tua morte, Filha santa !

ASCENSÃO

Hoje, ou em presença dos mais grandiosos espectáculos naturais, ou nos recantos mais discretos e humildes que o homem criou para si, o meu pensamento segue em breve o mesmo caminho :

Que tudo que conheço de meio sensível é ou me parece pequeno, acessório, incidental, na sua própria matéria, no seu mesmo espírito.

Que a tua alma, minha Filha, está aqui, mas também em meios de outra essência, a qual não me sei figurar a mim mesmo, que os meus sentidos e inteligência não abrangem nem compreendem.

E que a minha alma, tomada imponderavelmente, com a tua está em absoluto.

Ao armário em que arrecado as coisas que te foram mais próximas e íntimas, os livros que lêste até perto da morte, teus escritos, os pequenos utensílios do habitual arranjo de tua gentil presença, e tantos outros objectos que assim igualmente me são tão queridos, todos os dias vou encostar a fronte uns momentos; e, abrindo os braços, a êle também me prendo suavemente.

Então, sobretudo então, em meu humílmo recolhimento, a alma se me desprende e vai, sobe, ascende e afasta-se com a tua, nesses meios cuja essência não posso atingir ou de modo algum me posso figurar a mim mesmo.

E nesta ascese e transmigração, os mundos e os meios junto e assimilo, num só, espiritual, indefinível, onde a minha alma está e vai, sobe e ascende com a tua.

E assim sentindo e pensando, sonhando já, o sentir e o pensamento se me perdem e a alma da prisão humana se me desprende — antes da morte.

ESTE LIVRO EXTRANHO...

E da minha alma surgiu esta flor perene, êste livro extranho.

O seu perfume é, bastante, o das almas que o veem colher, a sua côr, em muito, a luz do sol irizada nas pupilas.

Drama, documento, poema íntimo, psicológico, êste livro extranho...

Que o teu aroma, flor perene, inspire a Serenidade e o Bem !

E as gôtas orvalhando as tuas pétalas — orvalho de ilusões e de nobres esperanças, lágrimas de alegria, de enternecimento, e de dôr e angústia — que elas sejam bálsamo !

Que as folhas dêste livro sejam bíblia de Paz e Amor.

... E o teu aroma, flor perene, inspire a Serenidade e o Bem !

ÍNDICE

Campo santo.....	7
------------------	---

LIVRO I

Manhã

Amigo de infância.....	11
Luz !	12
Em busca de mim mesmo	13
Amor. I. II	14 a 16
A esmola	17
Reabilitação.....	18
Deus e o homem. I. II. III	20 a 22
Em delírio.....	23
Iluminado ! I. II. III	25 a 27
Um sonho. I. II.	28 a 30
A Mulher	31
Iluminado mais e mais. I. II. III. IV. V. VI ...	32 a 37
Eu... profeta e leão	38
Deus e o mar	39

Iluminismo e pessimismo	41
Melancolia e megalomania	43
Os soldados.....	45
Pessimismo.....	47
Ideal reabilitador	48
Amor.....	49
O amor e a esperança.....	50
O primeiro beijo.....	51
Morte	53
A noite	54
Ambições.....	55
Religião e Deus.....	57
Consciência	59
A amizade.....	61
Pensamento e realidade. I. II..... 62 a	64
O dever	65
Egoísta ?	66
Preocupações.....	67
Sousa Martins.....	69
Córes.....	70
A Mulher.....	72
Preocupação do Amor.....	73
Fase do espírito.....	74
Preocupação social	75
A verdade no amor	76
Preocupação humana. I. II..... 77 a	79
Pessimismo	80
Melancolia romântica	83
Platão	84

Pobre irmãzinha !	87
Estoicismo. I. II. III. IV. V. VI. VII	89 a 95
Continuando... I. II. III	97 a 101
A alma e o estoicismo	103
A Natureza e a alma	105
A Angústia de passos vacilantes	107
A eterna solidão	109

LIVRO II

Dia pleno

Egoísmo.....	113
Amigo de infância	114
E assim foi... ..	115
Pobre Ser Querido. I. II.....	116 a 118
António Nobre	119
Como o coração nos engana... ..	120
Mãe cristã	121
O que faz o hábito e o sentimento... ..	123
Serenidade	124
Primavera tímida	125
Exéquias	126
Casa rústica.....	127
Amor impertinente	128
A ti !	129
Caminho transviado.....	130
Serenidade	131

Bussaco	132
Seomara. I. II. III. IV	134 a 137
Síntese	138
Recordação	140
Ilusões da mocidade	142
Síntese-amor	144
Com o rosto vestido de contrição	146
Destinos iguais	147
Noivado	148
Rio Douro	149
Manhã de outono. I. II. III	151 a 153
A Byron	154
Noivado	155
Lua de mel. I. II. III. IV	157 a 162
Uma filha ! I. II. III	163 a 167
Jardim zoológico	169
A sciência	170
Vida pública	171
Oh Muito Bondosa !	172
Vida moral	173
Momento celestial	176
Virtude	177
Luxúria	178
Extremidade da vida	179
Materialidade e idealidade	180
Meditação	182
Deus	184
Pelas crianças	185
Os dias após os dias... ..	187

Amor por ti. I. II. III. IV. V. VI. VII. VIII..	189 a	199
Alguma coisa me afasta... I. II. III. IV.....	200 a	206
Suspenso da mão do Destino.....		208
Caído da mão do Destino. I. II. III. IV. V. VI. VII.		
VIII. IX. X. XI. XII. XIII. XIV. XV. XVI.		
XVII. XVIII. XIX.....	209 a	242
Continuando... I. II. III.....	243 a	245
Cumprir ..		246
Literatura.....		247
Um momento !.....		249
Razão humana. I. II. III.....	250 a	255
Ascensão		256

Este livro estranho...		259
------------------------	--	-----

ESTE LIVRO ACABOU DE SE IMPRIMIR
NAS OFICINAS DA LIVRARIA FERIN,
70, RUA NOVA DO ALMADA, 74 —
LISBOA, NO MÊS DE SETEMBRO DE 1929.

DO AUTOR

LITTERATURA, ESTÉTICA, ÉTICA, VIDA SOCIAL

A expressão da colera na litteratura (Ensaio de crítica literária, científica e artística), 8.º, 275 pgs., Lisboa, 1909.

Ensaios de critica e estética, 8.º, 277 pgs., Lisboa, 1922.

Do Bem e do Belo ou do sentido espirituall da vida humana (Ensaio de ética estética), 8.º, 109 pgs., Lisboa, 1922.

PARA ENTRAR NO PRELO :

Novos ensaios.

Pelo caminho (Na vida social e pública). Vol. I.

ROMANCE

Jerónimo Valverde no colégio e sua infância, 8.º, 160 pgs., Lisboa, 1925.

Cartas de amor (de Emília Landal a Flávio de Montemór), 8.º, 108 pgs., Lisboa, 1926.

ANATOMIA, ANTROPOLOGIA

Os músculos subcutâneos do crânio estudados no tipo português humilde. Fasc. I: *Músculos frontal e occipital*, 8.º, 118 pgs., Lisboa, 1911.

Observações anatômicas. In *Arq. de Anat. e Antropol.*, n.º 1 do vol. I, 1913, pgs. 1-95, XXX est. com 81 figs.

Observações anatômicas II. Ibid., n.º 3 do vol. III, 1917, pgs. 125-171, est. XXIII-XXXVII, com 23 figs.

Observações anatômicas III. Ibid., n.º 2-3 do vol. IV, 1918, pgs. 151-235, est. XII-XVIII, com 7 figs.

Observações anatômicas IV. Ibid., n.º 2 do vol. V, 1921, figs. 50-182, est. II-XXV, com 41 figs.

Quadro geral da Anatomia. Ibid., n.º 1 do vol. VI, 1921, pgs. 1-36 e um quadro. Trad. franc. no n.º 2 do mesmo vol., 1922, pgs. 93-129, e o quadro.

Observações anatômicas V. Ibid., n.º 2 do vol. VII, 1921-1922, pgs. 321-360, est. IV-VI, com 3 figs.

Observações de tatuagens (anos de 1914-1915) Ibid., n.ºs 2, 3, do vol. VI, 1922, pgs. 159-172, est. XVII-LXIII, com 127 figs.

Observações anatômicas VI. Ibid., vol. VIII, 1923, 1924, pgs. 421-471, est. XXV-XL, com 16 figs.

Notas de critica e bibliografia anatômicas e antropológicas, em vários vols. do *Arq.*

Noticias e comentários, idem, ibid.

José Antonio Serrano. In *Arq. de Anat. e Antropol.*, n.º 2-3 do vol. IX, 1924-1925.

Algumas novas edições de obras anatômicas de José António SERRANO e Manuel BENTO DE SOUSA,

Uma ed. de correspondência inédita de José António SERRANO e de A. Aurélio da COSTA FERREIRA. In n.º 2-3 do vol. IX do *Arq.*

Fundação e direcção do *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 12 vol., 1913-1928.

00050749154



UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL